

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO  
CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO**

**JENIFER MARINHO PINHEIRO**

**TURISMO E LITERATURA: UM ESTUDO DO CONTEXTO HISTÓRICO E  
CULTURAL DO LIVRO “DOIS IRMÃOS” DE MILTON HATOUM**

**MANAUS**

**2020**

JENIFER MARINHO PINHEIRO

**TURISMO E LITERATURA: UM ESTUDO DO CONTEXTO HISTÓRICO  
LIVRO “DOIS IRMÃOS” DE MILTON HATOUM**

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para  
obtenção do título de Bacharel em Turismo da Escola  
Superior de Artes e Turismo - ESAT da Universidade  
do Estado do Amazonas - UEA.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> MSc. Jany Alfaia de Oliveira

**MANAUS**

**2020**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Aos meus pais por todo apoio para  
que a pesquisa fosse realizada.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por nunca ter me abandonado nos momentos de dificuldades psicológicas, e ter permitido que eu me levantasse e continuasse caminhando até esta etapa da minha vida, por mais dolorosa e dificultosa que tenha sido apresentado minha jornada até o momento. Acrescento aqui, minha enorme gratidão a Rosângela Aufiero, por não ter desistido de me acompanhar, e por ter me estendido a mão quando mais precisei.

A minha mãe, pelo seu auxílio financeiro, pois sem esta ajuda, não seria possível garantir as despesas geradas pela rotina acadêmica. Sou imensamente grata ao apoio que me foi ofertado para que pudesse estudar.

À minha orientadora Jany Alfaia por ter me ajudado e incentivado a realizar minha monografia, eternamente grata pelo tempo e compreensão que me foram dedicados para a elaboração deste trabalho.

Minha eterna gratidão a todo corpo docente do curso de Turismo, pelo conhecimento ministrado, especialmente pelas professoras Karla Cristina, Selma Rodrigues, Jany Alfaia e Rafael Ale. Sobretudo por terem me proporcionado o primeiro ano de graduação incrível na universidade, apontando uma prática de turismo mais humanizada, preocupada com o meio ambiente e a comunidade local. Ressaltando ainda a garantia do turismo como direito de lazer a todos os cidadãos, e a conscientização na busca de combater a diminuição das injustiças sociais causadas pelos grupos políticos que se perpetuam no governo.

À minha amiga e colega de curso Amanda Costa, pela amizade, companhia e suporte durante a jornada do curso.

Passou a diligência pela estrada, e  
foi-se;  
E a estrada não ficou mais bela,  
nem sequer mais feia.  
Assim é a ação humana pelo  
mundo fora.  
Nada tiramos e nada pomos;  
passamos e esquecemos;  
E o sol é sempre pontual todos os  
dias.

(Alberto Caeiro)

## RESUMO

Este trabalho teve por finalidade a abordagem acerca da importância na relação entre Turismo e Literatura, e o Turismo Literário como forma de identificar nos espaços ficcionais da obra “Dois Irmãos” de Milton Hatoum, os atrativos turísticos com possíveis potencialidades para o turismo local. O objetivo geral deste trabalho consistiu em analisar e identificar fragmentos na obra que ajudam na compreensão do contexto histórico e cultural da cidade de Manaus. Para isso utilizou-se uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, com a utilização de material escrito como livros, artigos, dissertações, teses, revistas e periódicos eletrônicos. Utilizamos como referencial teórico, as teorias de Margarita Barretto, Sidney Aguiar, Patrícia Silva, Camilla Xicatto, Leno Souza, Inês Carvalho, Maria Simões, Anabela Sardo, entre outros. Além de principalmente, utilizar o romance Dois Irmãos (2000) do escritor amazonense Milton Hatoum como análise dos fragmentos que retratam os atrativos turísticos da cidade de Manaus.

**Palavras-chave:** Turismo; Literatura; Turismo Literário; Milton Hatoum.

## ABSTRACT

This work aimed to approach the importance of the relationship between Tourism and Literature, and Literary Tourism as a way of identifying in the fictional spaces of the work "Dois Irmãos" by Milton Hatoum, the tourist attractions with possible potential for local tourism. The main objective of this work was to analyze and identify fragments in the work that help in understanding the historical and cultural context of the city of Manaus. For this purpose, a qualitative research of bibliographic nature was used, with the use of written material such as books, articles, dissertations, theses, magazines and electronic journals. We used as a theoretical framework, the theories of Margarita Barretto, Sidney Aguiar, Patrícia Silva, Camilla Xicatto, Leno Souza, Inês Carvalho, Maria Simões, Anabela Sardo, among others. Besides, mainly, use the novel *Dois Irmãos* (2000) by Amazonian writer Milton Hatoum to analyze the fragments that portray the tourist attractions of the city of Manaus.

**Keywords:** Tourism; Literary; Literary Tourism; Milton Hatoum;

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Café “A Brasileira”, em Lisboa, Portugal. ....	21
Figura 2. FLIP, 17ª edição, 2019.....	23
Figura 3. FLIP 2018.....	23
Figura 4. Caminhada Eco literária na Semana Roseana.....	24
Figura 5. Museu Casa Guimarães Rosa. ....	25
Figura 6. Portal Grande Sertão .....	26
Figura 7. evento Inverno Cultural .....	27
Figura 8. Ilhéus- Bahia. ....	28
Figura 9. Casa de Cultura Jorge Amado, Ilhéus – Bahia.....	29
Figura 10. Notícias sobre a alta dos preços em Manaus.....	37
Figura 11. Jornal A TARDE, 04 de agosto de 1942 .....	38
Figura 12. Planta do zoneamento de Manaus, 1951.....	40
Figura 13. Postal de Manaus – Cidade Flutuante no Rio Negro. ....	41
Figura 14. Praça dos Remédios .....	51
Figura 15. Igreja dos Remédios .....	54
Figura 16. Vista panorâmica aérea do Porto de Manaus .....	57
Figura 17. Paisagem do Mercado Municipal em 1900. ....	60
Figura 18. Mercado Municipal Adolpho Lisboa.....	61

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 CONCEITOS DE TURISMO</b> .....	13
1.1 TURISMO .....	13
1.2 TURISMO LITERÁRIO .....	14
1.3 TURISMO E LITERATURA .....	18
<b>2 CONTEXTO HISTÓRICO E ESPACIAL DA NARRATIVA NA CIDADE DE MANAUS</b> .....	31
2.1 O CONCEITO DE ESPAÇO E O PERÍODO HISTÓRICO NA OBRA DOIS IRMÃOS .....	31
2.2 PERÍODO HISTÓRICO DA OBRA DOIS IRMÃOS .....	33
2.3 CIDADE FLUTUANTE .....	39
<b>3 ANÁLISE DA OBRA “DOIS IRMÃOS” DE MILTON HATOUM</b> .....	45
3.1 MILTON HATOUM .....	45
3.2 BREVE SÍNTESE DA OBRA “DOIS IRMÃOS” .....	46
3.3 ANÁLISE DO LIVRO “DOIS IRMÃOS” .....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	65

## INTRODUÇÃO

O Turismo Literário é uma modalidade recente do segmento de Turismo Cultural, mas vem ganhando destaque no Brasil e no mundo nos últimos anos. É um fenômeno que se tornou um importante nicho neste segmento, e o seu foco é apresentado como uma forma de aproximar fãs e escritores de maneira casual por meio de discussões literárias, visitação à casa-museu de autores, edificações criadas para personagens fictícios; roteiros que incluem passagens descritas em uma obra; criação de itinerários a partir dos cenários literários citados nos romances, dentre muitas outras atividades.

A relação entre turismo e literatura vai muito além de transmitir lendas, mitos, arquiteturas, danças, entre outros. Também há a potencialidade de construir memórias de espaços por essa via, transformando-o em um espaço turístico.

No primeiro capítulo, trataremos dos conceitos de Turismo, e a complexidade em usar um único conceito devido à grande quantidade de definições existentes, uma consequência das transformações que este setor constantemente sofre. Em seguida, falaremos do Turismo Literário por fim, abordaremos como se dá a relação entre Literatura e Turismo no Brasil e no mundo.

No capítulo seguinte, analisaremos o contexto histórico relevante apresentado na obra “Dois Irmãos” de Milton Hatoum por meio do espaço ficcional. Através dessa identificação, buscamos verificar como tais episódios históricos se sucederam na cidade de Manaus.

Por fim, no terceiro capítulo, procederemos em reconhecer nas narrativas literárias da obra Hatoumiana, os elementos e patrimônios que identifiquem espaços turísticos da cidade.

A pesquisa é de cunho bibliográfico, pois serão utilizados materiais escritos, extraídos de livros, de arquivos da internet, como artigos, revistas e periódicos, teses e dissertações, com o fim de fornecer informações. Nesses moldes, a pesquisa corresponde a configuração de caráter qualitativo e bibliográfica.

O Objetivo geral deste trabalho é compreender como a literatura incentiva o Turismo Literário, e os objetivos específicos buscou: a) realizar um estudo a partir de uma perspectiva teórica que articule os estudos de literatura e turismo; b) reconhecer na narrativa da obra “Dois Irmãos” de Milton Hatoum, elementos históricos que

identifiquem espaços turísticos; c) analisar o período histórico da narrativa literária por meio do espaço funcional da obra; d) identificar nas narrativas literárias fragmentos que possam causar compreensão quanto ao contexto histórico.

Por se tratar de uma modalidade com poucos estudos na academia, este trabalho pretende contribuir e discutir este tema que pouco têm recebido atenção. Para os discentes, acredita-se que seja pertinente o estudo, devido a pesquisa servir de base teórica para demais estudos na área. Para a pesquisadora é importante, por permitir conhecer melhor o assunto dentro de uma corrente científica.

## 1 CONCEITOS DE TURISMO

Neste capítulo apresentaremos algumas definições de Turismo, observando de que modo estes conceitos são abordados, trataremos também dos conceitos de Turismo Literário para conhecer essa nova modalidade que surgiu para ajudar a divulgar o patrimônio cultural. Iremos compreender como é a relação entre Turismo e Literatura. Para poder entender como se correlacionam estas duas áreas, mostraremos alguns exemplos de boas práticas desse Turismo no Brasil e no mundo, por fim, mencionando alguns dos principais itinerários literários existentes no Brasil.

### 1.1 TURISMO

De acordo com a Organização Mundial de Turismo (OMT), o Turismo é a atividade do viajante que visita uma localidade fora de seu entorno habitual, por período inferior a um ano, e com propósito principal diferente do exercício da atividade remunerada por entidades do local visitado. Não há para o turismo uma definição universalmente aceita, o que resulta em uma infinidade de definições e descrições diferenciadas sobre o turismo.

Segundo Barretto (2012), a grande quantidade de definições do turismo existente, evidencia a diversidade de referenciais teóricos com que o turismo é abordado, seja quando considerado prática social, seja como área de conhecimento.

De acordo com Costa (1996 apud CARVALHO, 2009, p.7) o conceito de Turismo carece de uma definição universal e unanimemente aceita, em razão da consequência de mudanças que este setor sofre, consequências estas que influenciam também na dificuldade de delimitá-lo.

Uma das definições mais utilizadas para se conceituar o turismo, é a abordada pelo autor Leiper (1979 apud CARVALHO, 2009, p.7) declarando a ideia de que, o turismo compreende um sistema associado com o deslocamento de pessoas para fora da sua área habitual de residência, por uma ou mais noites (os deslocamentos como viagens somente a trabalho não são considerados atividades turísticas).

O Turismo coloca o homem em contato com outras formas de viver, com outras religiões, costumes, bens simbólicos de culturas singulares, com outras maneiras de ver o mundo e a sua história (SARDO, 2008, p.77).

Sardo (2008) afirma que “nesta perspectiva, o turismo constitui uma ocasião propícia para o diálogo entre as civilizações, porque evidencia as riquezas que distinguem uma cultura de outra”. A autora ainda acrescenta que esta atividade coopera na recordação de uma memória, vida, história, das tradições sociais, religiosa e espirituais.

Cunha (2006) destaca que, o mercado turístico, assim como qualquer outro mercado, objetiva atribuir ao produto comercializado uma imagem que seja atrativa e resulte na satisfação de seus consumidores. Portanto para o Turismo, a imagem apresentada alcança dimensão ainda mais significativa por se tratar de um produto em que os consumidores não têm como avaliá-lo no momento da compra.

Segundo Chagas (2008) é necessário fazer ressalva quanto a formação de imagem do destino turístico que o consumidor tende a fazer como representativa do local, pois uma vez internalizada, a mudança dela não ocorrerá de maneira simples. Ainda segundo o autor:

Quanto à variável espaço, algumas considerações fazem-se importante: primeiro, que deve ser levado em consideração onde está o turista no momento da pesquisa da imagem do destino, variável que influi bastante nos resultados. Segundo, derivado do processo de formação, é que toda imagem faz referência a um espaço delimitado, ou seja, a localização geográfica do destino influi também, pois ao se falar de um destino, fala-se por consequência em uma região geográfica delimitada e que traz à mente dos consumidores turísticos determinados pré-conceitos (CHAGAS, 2008, p.440).

Destarte, para o destino que deseja desenvolver turismo em seu território, se faz necessário buscar o diferencial como referencial para que se torne marcadamente especial e destacado entre os inúmeros destinos promovidos diariamente (CHAGAS, 2011, p.437).

## 1.2 TURISMO LITERÁRIO

O Turismo Literário existe desde a Antiguidade, pois muitos gregos e romanos influenciados por Heródoto em sua obra “*Histórias*” viajaram até as margens do rio Nilo. Ao longo dos séculos, inúmeros livros de diferentes autores influenciaram seus leitores a viajarem em busca dos espaços literários citados nas obras. Mas, foi a partir da positiva repercussão da publicação obtida pela obra “*O Código da Vinci*” de Dan

Brown, que a procura pelo Turismo Literário promoveu ressignificações nos espaços citados nas obras, sobretudo em Paris (onde decorre a maior parte da ação do livro).

O especialista em turismo literário Shelagh Squire, apresenta uma definição mais curta e talvez mais completa: “viajar para lugares famosos por associação com livros ou autores” (Squire apud Topler, 2014). De fato, o turismo e a literatura, têm um elemento em comum: A viagem. Viajar é um elemento de conexão entre diferentes lugares e povos, portanto, desempenha um papel crucial na atividade turística.

Apesar de pouco estudado, é uma modalidade recente do segmento de Turismo Cultural e vem ganhando destaque no Brasil e no mundo. Apresenta um alto potencial para contribuir tanto para as melhorias econômicas de uma região quanto para ajudar na divulgação dos seus patrimônios. (BATISTA e CARVALHO, 20015, p.55).

É um fenômeno que se tornou um importante nicho do Turismo, apresentado como uma forma de aproximar fãs e escritores de maneira casual: com discussões literárias, visitação à casa-museu de autores, personagens fictícios; roteiros que incluem passagens descritas em uma obra; criação de itinerários a partir dos cenários literários citados nos romances e muitas outras atividades.

De acordo com Barros (2008), o turismo literário não possui um campo de estudo que o trate de forma específica, portanto o mesmo é estudado dentro do Turismo Cultural. Por isso, Sardos (2008) nos informa que “O turismo literário será, então, um tipo de turismo cultural que tem a ver com a descoberta de lugares ou acontecimentos dos textos ficcionais ou das vidas dos autores desses textos. ”

Nesse contexto, compreende o surgimento do Turismo literário como uma procura deliberada pelo turista através das imagens interculturais veiculadas pela literatura, onde muitos turistas se propõem a explorar certos destinos nos trilhos de determinados autores.

Filho (2014) afirma que, os escritores como nos outros livros, são o filtro para se olhar a cidade. A partir da leitura das obras, conseguimos vislumbrar as importâncias, os caminhos da cidade, por intermédio das narrativas geográficas inseridas nos romances literários, conforme os autores vão citando lugares e aspectos que podem estar aparentes ou ocultados na cidade.

De acordo com Vincent (2005, p.76) esse cidadão “ é um ser em constante mudança e molda a sua identidade de acordo com uma narrativa que atua como um roteiro para o ‘drama’ da vida”. Entendida como uma experiência educacional que inclui a busca pela cultura, prazer e saúde.

O leitor-turista ao interpretar o imaginado ficcional, tem a sua curiosidade aguçada em conhecer um mundo desconhecido, através da paisagem descrita no texto literário quando passeia por essa cidade ficcional. Assim surge a motivação para viajar, pois ele quer ver ao vivo e a cores, esses locais reais utilizados pela ficção. Dessa forma, viaja para reconhecer e observar as ressignificações daquelas cidades que outrora foram “visitadas” por meio da leitura. (SIMÕES, 2009).

Para Topler (2016) o “conceito de Turismo Literário se baseia na crença de que, visitando o local literário, o visitante é capaz de entender o autor, sua vida e obra mais do que lendo resenhas literárias”.

Esta leitura ajuda na composição de itinerários, como é pontuada na série de vários escritos, que por terem residido em determinada localização num determinado período, escreveram sobre determinada região, e através de seus escritos conseguimos acompanhar a evolução e a geografia da cidade.

Para exemplificar a forma como estas imagens vão se compondo na imaginação do leitor, de modo a ultrapassar fronteiras nacionais, Simões (2008) nos aponta os livros “Cacau”, “Terras do Sem-Fim”, “Gabriela Cravo e Canela”, “São Jorge dos Ilhéus”, “Tocaia Grande” de Jorge Amado, e nos diz que:

[...] por vieses diferentes, fazem povoar o imaginário de leitores de imagens das terras do Cacau da Bahia, sua cultura, sua gente. Contam ficcionalmente a história da vigorosa nação grapiúna que habita as terras de São Jorge dos Ilhéus. Valendo-se da sua memória e das vivências do menino grapiúna que foi, Jorge Amado pintou o universo, deu perfil e ambientou os seus personagens, fazendo o contraponto com a história da região. Puderam os leitores acompanhar as injustiças sociais, a prepotência dos coronéis, a servidão dos trabalhadores rurais em (Cacau,1932); a conquista feudal (Terras do Sem-Fim, 1942); a conquista imperialista dos exportadores (São Jorge dos Ilhéus, 1944), a demonstração da força política (Gabriela Cravo e Canela, 1958). (2008, p.140).

As obras literárias sobre um destino possuem papel fundamental. Mediante as informações contidas nessas obras, é possível conhecer e até experimentar

características importantes do lugar, referentes à sua paisagem, condições de receptividade e de seu povo, por exemplo.

Coutinho et al (2016), afirmam que “literatura enquanto obra de arte atua como símbolo e imagem duradouros, não apenas evidenciando lugares e paisagens, mas também registrando o histórico emocional, humano e pessoal da população local”.

Portanto, este segmento engloba as viagens influenciadas por um livro que conseguiu transmitir a alma do lugar, retratar as ruas, praças, edificações, paisagens e cenários de um determinado local. Pode ter diversas motivações, como sentir necessidade de conhecer mais profundamente sobre a vida de um autor, ou mesmo a personagem do livro que o instigou a realizar a viagem literária e, interesse pelo patrimônio cultural de um destino.

É sabido que a leitura representa uma atividade de grande importância para a vida das pessoas e especialmente no leitor. Através dela podemos compreender o mundo à nossa volta e sua formação.

Beting (2005) nos diz que o Turismo Literário se divide em três vertentes: a primeira diz respeito a visitar o local onde viveu o autor; a segunda refere-se à vivência no ambiente descrito na obra; e a terceira está relacionada à participação de evento dedicado ao autor ou a obra.

Segundo Barros (2008), o turista literário viaja sobretudo em busca de uma realidade inserida dentro de uma ficção. Vale ressaltar que a palavra mais lembrada no turismo literário é "ficção", pois esta é a grande propulsora do turismo voltado para as letras. O texto literário é uma duplicação da realidade onde é integrada ao imaginário ficcional (ISER, 1996).

De acordo com Xicatto (2008) o Turismo Literário é bastante atípico, e se diferencia sobretudo pelo viajante – em vez de buscar guias turísticos – que procura nos romances e contos literários uma dupla maneira de viajar. E ainda acrescenta “conhecer a casa de um escritor admirado, ver a mesa onde ele escrevia, observar seus objetos pessoais, percorrer sua intimidade [...] é considerado para os amantes da literatura muito mais interessante do que a visita em um museu.

Simões nos diz que o Turismo atua como forma de valorização do discurso literário e do bem simbólico local, que habita o imaginário ficcional (SIMÕES, 2009, p.136); e este bem simbólico presente na literatura é apresentado para o turista através do patrimônio cultural arquitetônico material, imaterial e natural.

Henriques e Quinteiro (2001, p. 602) informam que as experiências culturais-criativas-literárias se configuram na premissa de que a literatura desempenha papel importante na configuração do turismo-cultural-criativo, e apresenta um turista que valoriza não somente as relações com texto, mas um indivíduo em que suas relações estão para além do texto.

Como nos informa Simões (2009, p.10):

Portanto, expressão artística comunicadora, influenciadora de trânsitos sociais e da história, face o universo cultural e vivencial, a literatura configura uma visão de mundo onde comportamentos éticos, filosóficos e políticos são traduzidos em estratégias discursivas reveladoras do imaginário que perspectiva o mundo. Dessa ótica comparatista - valorizadora do patrimônio e da cultural local -, é suscitadora do transito turístico.

A literatura funciona como elemento de sustentabilidade quando provoca o fluxo entre as culturas, e do consumo cultural pelos turistas que buscam o diferente, do global ao local, pois este leitor-turista considera a situação histórica e social, e espera que a cultura buscada não seja corrompida pelo interesse econômico, sendo mantida a autenticidade dos costumes locais, uma vez que estes foi um dos principais motivos que o influenciaram a visitar determinada cidade, conhecido por ele através dos escritos literários (SIMÕES, 2008, p.138).

As articulações desenvolvidas por locais podem contribuir para ações de dentro para fora, resultando em estratégias de sustentabilidade por meio do Turismo, que promovem desenvolvimento de políticas valorizadoras de ações culturais. Segundo Simões (2008), com a participação dos moradores, são produzidos programas para recepção de turistas, com visitação de museus e sítios históricos, comércio de artesanato, formas de divulgação das representações culturais locais pelo teatro, arte visual, etc. E pode fomentar propostas de ecoturismo cultural através da riqueza natural, como formas de valorização do litoral, da fauna e flora.

### 1.3 TURISMO E LITERATURA

De acordo com Cunha (2011), “o termo ‘literatura’ surgiu na segunda metade do século XV, e deriva epistemologicamente do termo ‘litera’, que significa letra. A autora acrescenta ainda que, até o século XVIII, “literatura” designava o saber e ciência em geral”. Poesia, verso e eloquência eram os termos utilizados que o hoje

conhecemos como literatura. Silva apud Cunha (2011, p. 14) evidencia que ao longo do século XVIII, a literatura adquiriu polissemia crescente.

Segundo Simões (2008) “Para estabelecer as aproximações entre literatura e turismo, o estético é entendido como relacionado à função (ou mesmo a sua ausência) que a experiência do leitor pode ter como motivação para a ação posterior” (apud GUMBRECHT, 1998, p. 35).

Estas informações podem conduzir o turista literário a construir seu próprio universo imaginário sobre o local, despertar o seu interesse, estimular sua vontade de querer conhecê-lo, ou pode até mesmo desestimulá-lo com o desencanto gerado pelo livro. Portanto, o turista literário está interessado em saber como um lugar influenciou o autor, e também como elementos situados no espaço geográfico colaboraram para a criação de espaços fictícios literários.

Operar o Turismo através da Literatura, implica em uma compreensão do mercado cultural no contexto globalizado. Quando precisar atuar em ações de contexto local, o trato da literatura terá que observar os aspectos de reescrita, intertextualidade, identificação de bens simbólicos inscritos no texto ficcional como: hábitos, costumes e tradições. E por meio das estratégias narrativas singulares fazer interagir várias disciplinas no corpo do texto literário, tais como: a história a cultura e oscila a antropologia e a crítica literária. (SIMÕES, 2008)

Para Herbert (2001) os lugares literários são produtos de associações entre lugares e escritores posteriormente construído como atrações turísticas. Visitantes de lugares literários são motivados por quatro razões: a conexão dos lugares com a vida dos escritores; pelas configurações dos romances; pela capacidade dos lugares de agir como um catalisador de memórias, ou ter ideal ou imagem devido a algum evento na vida do escritor.

A Literatura pode promover o turismo, através das referências literárias explorando cidades, regiões e países, no caminho de qualquer autor, fazendo parte do marketing-cultural. Isso se torna relevante na medida em que a imagem/memória do espaço é central no processo da sua transformação em produto turístico. Sendo assim, para Quinteiro e Baleiro (2014, p.33):

[...] a relação entre literatura e turismo passa não só pela capacidade que o texto literário tem de fixar memórias e experiências de viagens, mas também potencialidade do texto literário de recuperar e (re) construir memórias de espaços e de transformar, por essa via, o espaço turístico [...].

E assim, ver a realidade desses espaços literários que estão presentes somente em seus pensamentos, ou seja:

Assim, na viagem, tal como no ato de leitura literária, o sujeito constrói o sentido do que vai visitando e conhecendo, a partir da bagagem de conhecimentos e experiências prévias que carrega e na qual se incluem os conhecimentos e as experiências linguísticas textuais, enciclopédias e de vida (QUINTEIRO e BALEIRO, 2014, p.32).

As artes em geral, assim como a literatura (prosa, ficção, poesia e drama) agregam no planejamento do espaço turístico por meio da memória social observadas nas obras e perpetuada nos lugares. Ou seja, ampliam a visão do produto turístico na experiência tangível e intangível no marketing cultural.

Logo, a literatura seria um dos caminhos para compreendermos melhor essa complexidade social, por ser, justamente, nas palavras de Collot (2013, p.14) uma “expressão do espaço vivido”.

Assim Xicatto (2008, p.6) refere que, a intersecção entre literatura e turismo, poderá nos auxiliar a realizar o caminho em que a realidade imita a literatura com o intuito de criar paisagens turísticos-literárias.

Para Henriques e Quinteiro (2011, p. 602) “quanto às cidades, o crescimento da indústria do turismo literário tem conduzido a que os lugares se assumam como detendo ‘cultural property’ [...] e são perspectivadas não apenas como um território, mas como construção e representação de algo”. Nos afirmam ainda que, a criação de itinerários associados aos escritores se torna uma realidade em ascensão.

Como refere Henriques (2008, p. 33 apud Henriques e Quinteiro):

No domínio da delimitação dos percursos turísticos-literários, há de se ressaltar que a linguagem turística não é a linguagem literária, e uma vez que nem todas as linguagens se equivalem, um livro não poderá ser reduzido a um percurso. Além do mais, sendo um livro uma realidade de natureza linguística, uma realidade em palavras, dificilmente pode ser explicado a partir do exterior. Diz-nos ainda que é “certo que há elementos exteriores que podem convergir, não para um maior entendimento do livro, mas para um maior sentimento do livro, embora muito tenuemente entendimento e sentimento se possam articular.

Destarte, nessa linha de raciocínio, evidencia que o turismo pode potencializar a criação de ilusões/aparências: aparência de leitura, de que se é conhecedor da obra, oferecendo a alguns turistas a ilusão/aparência de cultura. Portanto, o turismo pode

aproveitar os percursos culturais existentes e ressignificá-los em percursos turísticos-culturais (HENRIQUES; QUINTEIRO, 2011).

O lugar considerado como turístico deve ser capaz de atrair visitantes, e sua denominação nos provoque a necessidade de conhecê-lo, desta maneira, empreender a viagem destes lugares contribuem para a promoção do turismo. Os espaços literários necessitam apresentar denominações e riquezas suficientes para ser destino turístico.

Cunha (2006, p. 1) afirma que:

Para que possamos realmente avaliar como o discurso literário pode atuar para construção da imagem que caracteriza um país, devemos considerar a íntima e inquestionável relação que há entre o discurso literário e o discurso histórico e entre os literatos e os historiadores, já que tanto a literatura como a história estariam em busca de uma imagem verbal da realidade.

Conforme Sardo (2008), ler incentiva os leitores, como os de Ernest Hemingway a viajarem para Cuba e encontrar o paraíso e serenidade da terra descrita pelo autor em “O Velho e o Mar”; os admiradores de Franz Kafka - autor de um dos romances mais famosos da literatura “A Metamorfose”- a conhecerem a sua cidade natal e também cenário de suas obras: Praga, na República Tcheca; aos admiradores de Saramago em descobrirem os lugares que serviram de inspiração e cenário aos seus textos.

Em Portugal, encontra-se o roteiro turístico Fernando de Pessoa localizada na cidade de Lisboa, terra natal do autor e que mantém vivo muitos lugares de referência da vida dele. Através do roteiro, é possível ver a estátua em tamanho real do poeta que fica localizada em frente a cafeteria “A Brasileira”, onde Fernando Pessoa era um frequentador assíduo. Também é possível passar pela Tabacaria, lugar de fonte de inspiração de um dos poemas mais famosos do escritor, e visitar o apartamento em que ele residiu entre 1920 e 1935 (BARROS, 2008).

**Figura 1.** Café “A Brasileira”, em Lisboa, Portugal.



**Fonte:** Site Descubra Lisboa, 2018.

Existem eventos literários que acontecem a nível nacional e internacional, a exemplo do FLIP - A Festa Literária Internacional de Paraty, festival lançado no ano de 2003, criado pela editora inglesa Liz Calder que se inspirou nos festivais realizados em cidades europeias como Mantova, na Itália, Hay-on-Wye, no País de Gales e Edimburgo, na Escócia.

O evento é conhecido por trazer autores internacionais para interagir com personalidades do mundo da cultura, colocando o Brasil no circuito de festivais literários internacionais de literatura.

Esse encontro com a literatura provoca uma experiência singular a céu aberto, cada detalhe dos espaços públicos é pensado a partir das transformações resultadas das interações afetivas geradas entre visitantes e moradores.

Figura 2. FLIP, 17ª edição, 2019

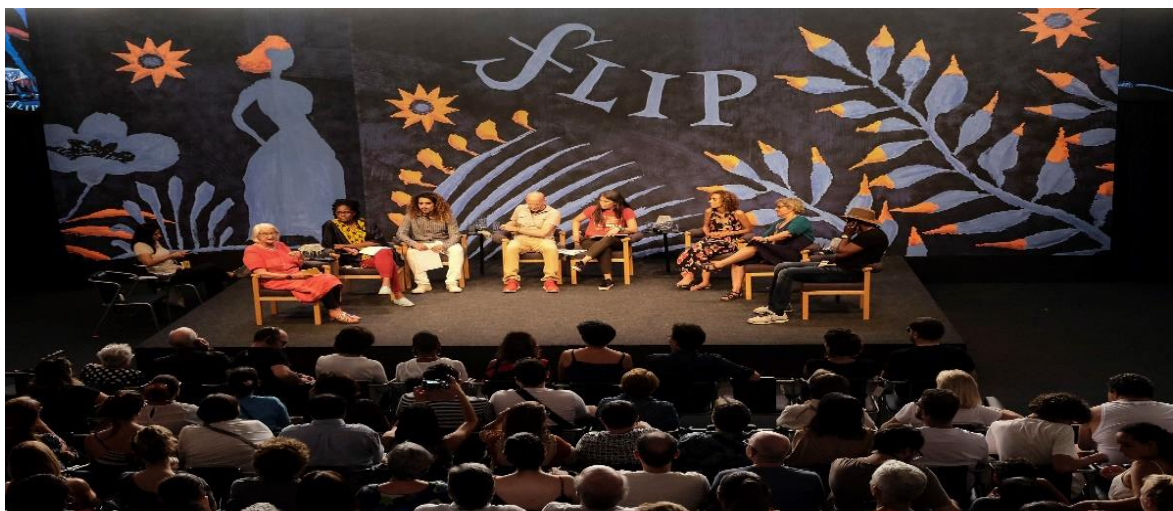


Fonte: Site Zoom, 2019.

O evento realizado anualmente pela Associação Casa Azul é considerado um dos principais festivais literários do Brasil e da América do Sul. Em cada edição um escritor é homenageado pelo festival, dentre os que já foram homenageados, temos: Machados de Assis, Hilda Hist, Carlos Drummond de Andrade, Clarisse Lispector, Jorge Amado e outros.

Neste evento, são realizadas discussões, oficinas literárias, performances musicais e teatrais de livros, palestras, debates, eventos paralelos para crianças e jovens, entre outras atividades.

Figura 3. FLIP 2018.



Fonte: Site Veja Meus Livros, 2019.

Xicatto (2008) afirma que o turismo ocasionado pelo FLIP atrai um público com bastante cultura e de alto poder aquisitivo, contando com massiva presença de estrangeiros. A autora acrescenta ainda que, “estes fatores contribuem significativamente para o progresso econômico, cultural, social e político da cidade”.

Outro exemplo é o FLOP – Festival Literário de Ouro Preto, evento promovido pela Universidade Federal de Ouro Preto, que conta com a presença de vários escritores, e tem como objetivo, discutir e disseminar os diversos aspectos relativos a produção literária.

A Semana Roseana, também um dos eventos no Brasil que estimula o Turismo Literário, é realizada desde julho de 1989, na cidade de Cordisburgo em Minas Gerais, terra natal do escritor João Guimarães Rosa. O evento oferece uma vasta programação com oficinas de pintura, caminhada eco literária, lançamento de livros, apresentações de teatro, dança, música, e apresentação dos contadores de Estórias Miguilins, que atuam como mediadores e narradores das histórias do literato ao público, e esta ação resulta na ampliação da percepção sobre patrimônio e sua importância no resgate da memória e identidade social. Mas, principalmente contribui para a divulgação das obras de João Guimarães Rosa, através de estudos e atividades culturais.

**Figura 4.** Caminhada Eco literária revive “Grande Sertão: Veredas”, com a narração do grupo Caminhos do Sertão enquanto percorrem os sertões literários de João Guimarães na Semana Roseana.



**Fonte:** Site Sete Lagoas, 2013.

O destaque da Semana Roseana é o circuito turístico Guimarães Rosa, que é formado por treze municípios próximos entre si, e se unem para explorar turisticamente os patrimônios históricos, culturais, naturais do Estado de Minas Gerais. Dentre os atrativos mais famosos estão o museu casa Guimarães Rosa, em Cordisburgo, e nele estão os contadores de estórias Miguilim, que narram trechos da obra do autor; O memorial Manuelzão, localizado no distrito de Andrequicé, no município de Três Marias, onde fica o acervo das estórias e vida do autor; o morro da Garça, que é o morro testemunho e cenário do conto “o recado do morro” de João Guimarães Rosa.

**Figura 5.** Museu Casa Guimarães Rosa.



**Fonte:** Site Tripadvisor, 2020.

A cidade de Cordisburgo, terra natal de Guimarães Rosa, respira o autor de “Grande Sertão: Veredas”. Da mesma forma como é lido nos contos do autor, os moradores conhecem o sertão mineiro, e tem o modo de falar visto nos livros. Caminhando pela cidade, é possível ver traços de obras em muros, comércios,

escolas e residências. Dessa forma, pode-se vivenciar tudo o que se imaginou através dos contos, prosas e poemas, por meio da atividade turística, pois a cidade aproximase de uma cidade temática. (BARROS, 2008, p. 9).

**Figura 6.** Portal Grande Sertão, cuja composição remete à histórica cavalgada de Guimarães Rosa.



**Fonte:** Site Meu Roteiro RDC, 2018.

Este evento tem como objetivo estudar e divulgar a obra do escritor, e a população residente participa das diversas atividades e ajuda na organização do evento, configurando-se numa grande parceria entre comunidade e evento.

Outro evento literário bastante reconhecido, é o tradicional “Inverno Cultural de São João Del Rei” que é organizado pela Universidade Federal de São João Del-Rei e acontece no mês de julho na cidade homônimo em Minas Gerais. Suas ações consistem em promover a formação cidadão pelas artes cênicas, democratizar o acesso à cultura, vivência com a comunidade e valorizar a cena artística.

Dentre suas atividades estão: eventos e oficinas de artes; exposições de artes; aulas abertas; sessões de vídeo e cinema; recitais; performances poéticas; exposições literárias; debates, e muitas outras atividades que auxiliam na

aproximação entre o público e os artistas, objetivando diálogo entre realidades distintas e a ficção (XICATTO, 2008, p.7).

**Figura 7.** Dezenas de shows e atividades artísticas e culturais são realizadas em São João Del-Rei e em outras cidades de Minas Gerais, durante os nove dias do evento Inverno Cultural



Fonte: Site G1, 2017.

Exemplificando esses eventos como instrumento de valorização das obras literárias, desenvolvimento das culturas e das comunidades por meio da globalização, constata-se que existe a possibilidade de estabelecer relações entre literatura e turismo por meio das viagens. Isso porque de acordo com Anderson (1893, p. 135) “a noção de fronteiras e limites políticos é ultrapassada”. Já que, não é possível associar uma identidade estritamente a um espaço ou um país.

Barros (2008) nos informa sobre “Os caminhos Drummondianos” museu que recebeu esta denominação devido ao resgate de história da cidade feito por meio dos poemas do consagrado escritor Carlos Drummond. Localizado em Itabira, Minas Gerais, é também a cidade onde nasceu o poeta Carlos Drummond de Andrade. A autora acrescenta ainda, a possibilidade de visitar o Memorial homônimo, planejado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, onde estão em exposição originais de cartas e artigos pessoais do escritor.

No Rio de Janeiro está localizado a casa de Rui Barbosa, onde foi o primeiro museu-casa do Brasil, e ser o primeiro dedicado a uma personalidade. Atualmente,

além de ser museu, que abriga a memória de vida política de Rui, atua como importante centro de pesquisa, preservação de livros e documentação, conhecido como Fundação Casa de Rui Barbosa (XICATTO, 2008, p. 6).

A cidade de Ilhéus, na Bahia, é cenário do romance “Gabriela Cravo e Canela” do autor Jorge Amado. Localizado no litoral sul baiano, a cidade mantém viva a ambientação dos contos do literato, sendo um importante exemplo de como uma cidade soube relacionar Literatura e Turismo e vive turisticamente das memórias do escritor.

**Figura 8.** Ilhéus- Bahia.



**Fonte:** Site Wikipédia, 2020.

A vida e obra do autor podem ser conhecidas em um roteiro a pé. Através dessa atividade turística, os visitantes têm a sensação de que a qualquer instante, a personagem Gabriela da obra “ Gabriela, Cravo e Canela” possa surgir pela cidade reproduzindo as peripécias contadas no livro.

É também possível conhecer a “Casa de Cultura Jorge Amado”, onde o autor passou a infância e adolescência - considerada como o local onde ele produziu suas primeiras manifestações literárias - e ver fotografias e roupas que contam sua vida e obras.

**Figura 9.** Casa de Cultura Jorge Amado, Ilhéus – Bahia.



**Fonte:** Site BlogdoChico, 2014.

Sobre as contribuições literárias de Jorge Amado, Oliveira (2013) salienta:

Jorge Amado tornou-se, porém, um escritor atemporal pelos temas ideológicos de preocupação com as injustiças sociais, utilizando-se do folclore, da política, das crenças e tradições do povo brasileiro para descrever o seu panorama. Com 49 livros e a proposta de uma literatura com raízes bem brasileiras, estes três fazem parte do Projeto Literário de Jorge Amado que, desde muito cedo, presenciou as lutas sociais e pela terra,

desenvolvendo uma plena consciência social, aprimorada por sua amizade e convívio com trabalhadores rurais (OLIVEIRA, 2013, p. 21).

Após uma reflexão sobre o Turismo Literário e seus benefícios gerados nos espaços geográficos utilizados como cenário nas obras literárias, observamos como as identidades históricas das cidades, são recorrentemente valorizadas por meio da literatura.

Busca-se salientar as potencialidades econômicas desse segmento turístico através de roteiros literários e festivais de literatura realizados em cidades do Brasil e do mundo, que valorizam este tipo de turismo. Assim como mostrou que quando há planejamento e gestão criativa, as dinâmicas e inserção da comunidade promovem uma comunidade cultural, com práticas de turismo consciente.

Entretanto, é necessário fazer ressalvas e muito esforço, para que não ocorra degradação na atividade, para tanto deve-se evitar a ocorrência de conflitos entre turistas, residentes, poderes públicos, e a indústria do turismo.

O lugar considerado como turístico deve ser capaz de atrair visitantes, numa intensidade que sua denominação nos provoque a necessidade de conhecê-lo e, portanto, empreender a viagem. Dessa forma, os espaços literários como destino turístico, precisam apresentar denominações ou riquezas suficientes.

## 2 CONTEXTO HISTÓRICO E ESPACIAL DA NARRATIVA NA CIDADE DE MANAUS

Neste capítulo será analisado o período histórico da narrativa literária por meio do espaço ficcional. Identificando em que época se passa a história do livro “Dois Irmãos” de Milton Hatoum e quais atrativos turísticos são mencionados na trama, ainda se mostram até hoje como patrimônios históricos da cidade de Manaus.

### 2.1 O CONCEITO DE ESPAÇO E O PERÍODO HISTÓRICO NA OBRA DOIS IRMÃOS

O início da narrativa remonta ao final do século XIX, começo do XX, quando chega a Manaus um grupo de libaneses. Dentre estes, Zana e seu pai, que mais tarde se tornam conhecidos de outros conterrâneos como o mascate Halim, que futuramente se tornaria marido da jovem Zana, filha de Galib. Casados, poucos anos antes do início da Segunda Guerra Mundial, mesmo a contragosto do esposo, Zana engravida e dá à luz a gêmeos. Seus filhos, Yaqub e Omar, desde meninos, desenvolvem uma rivalidade infundável.

Na introdução, o narrador começa falando do local onde a família residiu por vários anos e comenta o episódio da morte da matriarca que antes de falecer, questiona se seus filhos já haviam se reconciliado: “Meus filhos já fizeram as pazes?” (HATOUM, 2006, p.10). A narrativa não é linear, portanto, não segue sequência cronológica, são apresentados descontinuamente retrospectivas, cortes e rupturas do tempo e do espaço conforme são desenvolvidas as ações dos personagens centrais.

O período histórico em que se passa o romance “Dois Irmãos” é ambientado na área que em sua época era conhecida como Cidade Flutuante, atualmente conhecida por Manaus Moderna. Esse nome se deve a expressiva quantidade de casas e comércios flutuantes que foram construídas no Rio Negro, e ocupava uma extensa área em frente a cidade de Manaus, tendo início em frente ao Mercado Municipal de Lisboa e se estendia até o bairro de Educandos (SILVA, 2016).

Silva (2016) nos diz que a área da Manaus Moderna se estabelece como espaço importante de comércio para a cidade desde o final do século XIX, e durante esses anos recebeu uma variedade de denominações como: Cidade Flutuante (durante os anos de 1920 ao final dos anos 1960); Feira da Beira da Praia do Mercado;

Feira da Escadaria dos Remédios; Feira da Banana; e atualmente área e Feira Manaus Moderna.

A área da Manaus Moderna está localizada no centro da cidade e compreende a avenida Beira Rio (ou Manaus Moderna), onde se encontram o Mercado Municipal, a Feira Manaus Moderna e o “Porto Flutuante”, principal porta de entrada da cidade desde o século XIX (PINHEIRO, 2003).

Neste livro, o espaço geográfico utilizado pelo autor é a área central da cidade de Manaus. Durante esse período, era ilhada pelo rio e pela floresta, e após passar pelo período áureo da borracha, do jeito que conseguia foi se adaptando ao desenvolvimento capitalista.

Em meio ao processo de modernização do país, o escritor Milton Hatoum consegue transmitir as marcas da convivência entre progresso e atraso, avanço e estagnação na região norte (PELLEGRINI, 2004, p.123).

De acordo com Pelegrini (2004, p. 126):

A ficção brasileira efetivamente nasceu como resposta a uma busca de expressão nacional. Desde o século XIX, com José de Alencar, passando por Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, chegando a Lima Barreto, Monteiro Lobato e outros, tanto o “campo” quanto a “cidade” procuravam retratar um país que se formava, diverso da metrópole. Essa busca da expressão nacional continua durante o Modernismo, agora também entendida como a tarefa de lançar luz sobre graves questões sociais, como, por exemplo, a exploração do homem do campo, com Graciliano Ramos e a “geração de 30”, no Nordeste; a decadência do latifúndio, a ascensão da burguesia e o crescimento das cidades, com Erico Verissimo e Dionélio Machado, no sul. Nos dois decênios seguintes, Guimarães Rosa, já em outro diapasão, dá amplitude e espessura ao retrato da terra, incorporando experiências míticas e linguísticas originalíssimas. Em toda essa trajetória, portanto, os territórios continuam se definindo literariamente, constituindo as várias rotas de um mesmo mapa.

Ao falarmos de espaço, devemos entender que “espaço” e “lugar” possuem significados distintos. Pois, segundo o autor Certeau (1994) o movimento condiciona a produção de espaço. Dessa forma, o “lugar” está relacionado ao que é estável, enquanto que o “espaço” diz respeito a um lugar praticado. E ainda acrescenta: “ a rua geograficamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres”(CERTEAU, 1994, p. 202).

Esses espaços não podem ser entendidos apenas por uma perspectiva, pois em um único espaço são praticados várias multiplicidades e significados através das inúmeras pessoas que entrecruzam este lugar. As cidades se constituem por meio

dessas configurações de espaços, em uma mistura de pessoas que vinculam espaços e temporalidades diversas.

Portanto, a cidade é entendida como prática social das pessoas que constroem, disputam e desfrutam desses espaços, e não pode ser vista como homogênea, mas como um espaço heterogêneo composto de valores e projetos distintos (PELLEGRINI, 2016, p. 217).

A área Manaus Moderna, portanto, se mostra reveladora de como a cidade é heterogênea, configurada a partir de uma multiplicidade de vivências e experiências que se relacionam das mais diversas maneiras (SILVA, 2014, p. 316).

Veremos de que maneira ela surge no espaço ficcional Hatoumiano associado aos universos amazônico e oriental recriados pela memória de um descendente de imigrantes libaneses.

## 2.2 PERÍODO HISTÓRICO DA OBRA DOIS IRMÃOS

Ambientada entre as décadas de 1940 e 1970, a narrativa focaliza Manaus entre a época da Segunda Guerra Mundial. Período de grande miséria e exploração norte-americana, e de comércio realizado por imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos, que viviam precariamente na cidade. [...] “O filho falou da viagem e o pai lamentou a penúria em Manaus, a penúria e a fome durante os anos da guerra” (HATOUM, 2006, p. 11). A narrativa segue os anos até o período de implantação da ditadura militar.

Manaus após o fim da II Guerra Mundial (1939-1945), repetia os mesmos erros cometidos no período da *Belle Époque* Manauara (1852-1910), onde também houvera crescimento excedente do látex durante alguns anos. Como consequência da repetição deste erro, gradativamente foram retirados investimentos de créditos para a produção nos seringais, por não haver absorção da borracha por um mercado interno. (AGUIAR, 2019).

Desde que o inglês Henry Wickham – autor de um dos primeiros casos de biopirataria da história - roubou 70 mil sementes de seringueiras e quebrou o monopólio da borracha, as colônias inglesas na Ásia tornaram-se as maiores produtoras de látex do mundo. Em 1941, após as forças nipônicas bombardearem a base naval norte-americana de Pearl Harbor, localizada no arquipélago do Havaí, o caminho foi aberto para o Japão conquistar todo o sudeste asiático e suas plantações

de borracha na Malásia. O império nipônico então passou a dominar o sudeste asiático e suas ricas plantações de seringueiras na Malásia.

Durante a II Guerra mundial, este episódio reaqueceu a economia gomífera amazônica, e voltaram a produzir bastante, pois acreditaram que a partir da assinatura dos chamados “Tratados de Washington”, a economia da borracha brasileira seria reaquecida, tendo em vista que a Amazônia por meio desse tratado foi inserida no tabuleiro (AGUIAR, 2019). O autor ainda nos salienta que “com a assinatura do termo de beligerância em 31 de agosto de 1942, o Brasil declarava guerra contra os países do Terceiro Eixo (Alemanha, Itália e Japão), dentre estas medidas, estava o que se convencionou denominar de Esforço de Guerra para os brasileiros e brasileiras”.

Sidney de Aguiar explica como se deu essa reaquecida na economia da borracha brasileira:

Esta vinculação deveu-se ao fato da grande indústria, principalmente americana e aliada (França, Inglaterra e União Soviética) necessitarem repor seus estoques da goma elástica, uma das matérias-primas consideradas estratégicas para a manutenção do enfrentamento armado contra as forças do Terceiro Reich (Alemanha, Itália e Japão). Este novo fôlego para o extrativismo na Amazônia não foi capaz de minimizar os problemas econômicos e sociais da cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas. (AGUIAR, 2017, p.1).

Aguiar (2019) nos informa que para se produzir, armazenar e exportar a borracha, assim como no período áureo da borracha, seria necessário a utilização de mão de obra barata e disponível. “Por meio de um trabalho forçado e não recompensado, o seringueiro extraía o látex, mas o lucro das exportações ficava concentrado nas mãos de poucas famílias” (MAIA, 2011).

Para dar impulso ao esforço de guerra na região Amazônica, foram novamente os nordestinos “alistados” para serem os Soldados da Borracha e trabalharem na coleta da goma elástica da Seringueira. O SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia) eram os responsáveis na política, controle e trânsito do recrutamento destes migrantes oriundos da região Nordeste e Norte (AGUIAR, 2019, p. 2-3).

São essas pessoas, sobretudo nordestinos (em muitos casos, fugindo da seca), que buscaram oportunidades em Manaus, na esperança por uma condição de vida melhor. Esses trabalhadores após o cessar de fogo em terras europeias, África e Ásia,

foram abandonadas a própria sorte. Aqueles que sobreviveram aos seringais ficaram na Amazônia, por não terem dinheiro para pagar a viagem de volta, ou porque estavam endividados com os seringalistas (AGUIAR, 2017).

A cidade então, apresentou um significativo crescimento demográfico acompanhado pela falta de planejamento de infraestrutura adequada e com limitações de acolher tamanha dinamicidade (SILVA, 2014, p.131). E foram esses migrantes e imigrantes atraídos pela propaganda institucional massiva por autoridades, juntamente com os nativos, os responsáveis pela ocupação do Rio Negro, construindo casas flutuantes e palafitas em frente ao centro da cidade.

Durante o período da II Guerra Mundial, a população manauara se informava por meio dos rádios, filmes da indústria audiovisual americano e os jornais impressos. E acreditava-se que os aviões de Adolf Hitler poderiam a qualquer momento bombardear o norte do país. Conforme Aguiar (2012, p.3):

O comunicado VII da Defesa Passiva Anti-aérea relata as diretrizes de ação preventiva para os manauaras e como deveriam colocar em prática os procedimentos exatos diante da atividade miliar conhecida como Blackout. Nesta ação, todas as luzes eram apagadas ao mesmo tempo para dificultar a visualização aérea noturna de possíveis sobrevoos ou ataques de aeronaves hostis.

Na obra “Dois Irmãos”, o narrador nos descreve esse período beligerante em terras manauaras por meio da prosa literária:

[...] por ali circulavam carros, um e outro carro, cascalheiras tocando triângulos de ferro; na calçada, cadeiras em meio círculo esperavam os moradores para a conversa do anoitecer; no batente das janelas, tocos de velas iluminariam as noites da cidade sem luz. Fora assim durante os anos de guerra: Manaus às escuras, seus moradores acotovelando-se diante dos açougues e empórios, disputando um naco de carne, um pacote de arroz, feijão, sal ou café. Havia racionamento de energia, e um ovo valia ouro. Zana e Domingas acordavam de madrugada, a empregada esperava o carvoeiro, a patroa ia ao mercado Adolpho Lisboa e depois as duas passavam a ferro, preparavam a massa do pão, cozinhavam. Quando tinha sorte, Halim comprava carne enlatada e farinha de trigo que os aviões norte-americanos traziam para a Amazônia. Às vezes, trocava víveres por tecido encalhado: morim ou algodão esgarçado, renda encardida, essas coisas. [...] conversavam em volta da mesa sobre isso: os anos da guerra, os acampamentos miseráveis nos subúrbios de Manaus, onde se amontoavam os ex-seringueiros (HATOUM, 2006, p.18).

De acordo com Aguiar (2017), os jornais comercializados de Manaus noticiavam a romaria que a população fazia em direção ao Mercado Público em busca

de carne bovina e pescado: [...] “milhares de pessoas procuram adquirir ainda de madrugada, ao menos um quilo de carne, saindo geralmente sem o que precisam para sua subsistência, o peixe também não existe”. O autor ainda acrescenta que esta escassez de víveres e principalmente de carne de gado fresca, foi noticiado pela imprensa local como: “O caso da carne verde” e esta situação se estendeu por quase toda a década de 1940 (AGUIAR, 2017, p. 3).

Na busca por alimento no período da guerra, o Mercado Público Adolpho Lisboa, foi um dos espaços de compra e venda de mercadorias de todas as espécies, sejam secos e molhados, produtos naturais e oriundos do extrativismo, em que se encontravam estrangeiros de todas as partes do mundo disputando com outros habitantes da cidade, as moedas dos consumidores nacionais, configurando um cenário de penúria em tempos de conflitos mundiais (AGUIAR, 2017, p.4).

Através de nota pública, a gestão municipal desse período, declarou dificuldades em adquirir carne bovina e culpavam a enchente dos rios do Amazonas como principal causa da escassez de pescado, e a estiagem nos rios da região de Rio Branco como motivo da quase inexistência de carne.

Segundo Aguiar (2017) “A entrada do Brasil na Segunda Grande Guerra acarretou dificuldades de abastecimento para as populações urbanas e no racionamento de gasolina, carne, farinha de trigo e açúcar”. Ainda segundo o autor, a escassez do açúcar afetou além da comunidade, os proprietários de cafés, bares, botequins, leitarias, fabricas de xaropes para refresco.

A crise comercial atingiu Manaus e grande parte das cidades do Brasil, e isso se deu enquanto os navios e cargas afundavam, que resultava na escassez ou desaparecimento de determinados produtos por tempo indeterminado (AGUIAR, 2017).

Neste cenário, foi necessário aderir a prática de racionamento e criar um tabelamento do preço dos alimentos, e conseqüentemente instituir uma “Comissão de tabelamento” para acompanhar e fiscalizar as regras (AGUIAR, 2017).

Entretanto, alguns comerciantes se aproveitavam da carência de determinados produtos para lucrar e ludibriar os consumidores, como o exemplo da venda de carne de jacaré como se fosse de Pirarucu, e também na utilização de balanças “viciadas” para burlar os preços regulamentados pela determinação de tabelamentos (AGUIAR, 2017).

Após o final do conflito beligerante em 1945, os investimentos e dólares americanos para aquisição da borracha amazônica foram esgotados gradativamente, e a crise se instalava de vez na região. O desemprego se alastrara, e o poder de compra dos trabalhadores despencou.

Aguiar (2017) nos informa que, a economia amazonense mergulhou numa profunda recessão que se estendeu até a implantação da Zona Franca de Manaus em 1967, somente no final da década de 1960 que a cidade voltaria a apresentar resultados positivos.

Figura 10. Notícias sobre a alta dos preços em Manaus.



Fonte: Diário da Tarde. 16 de julho de 1946, terça-feira, nº 3.306, ano X.

Nos anos da Segunda Guerra Mundial, na cidade de Manaus foram adotadas medidas como: manter hortas, tendo em vista que a alimentação era uma carência real; campanhas como a do alumínio e do zinco. Toda a população deveria participar dessas ações que eram conhecidas como “esforço de guerra”, atitude considerada como patriótica e que todos os cidadãos deveriam seguir. Também se acreditou que era conveniente preparar a população a se defender de possíveis ataques aéreos de inimigos.

Sendo assim, como salienta Aguiar (2012) foi através do comunicado VII da Defesa Passiva Antiaérea, que foram relatados os conselhos de como os manauaras deveriam seguir os procedimentos durante a atividade militar conhecida por *blackout*,

onde todas as luzes da cidade eram apagadas, como justificativa de que isso dificultaria a visualização aérea noturna das aeronaves hostis.

Os pedestres que transitavam no momento do blecaute eram surpreendidos por alarme, no entanto, a orientação por meio do folheto, aconselhava que se mantivesse a calma e que procurassem abrigo em construções mais próximas como igrejas e edifícios público, aqueles que se encontrassem em lugares descobertos, deveriam de imediato deitar de bruços no chão.

Aguiar (2012) afirma que o comunicado tinha o intuito de amedrontar a população, enfatizando que uma única casa ao deixar a iluminação acesa, corria-se o risco que poderia “arrazar uma cidade”.

Esse blecaute foi uma manobra colocada em prática no ano de 1942, sob a orientação do Coronel Gontran Jorge Pinheiro Cruz, então comandante do 27º Batalhão de Caçadores (AGUIAR, 2012, p. 4).

**Figura 11.** Jornal A TARDE, 04 de agosto de 1942, terça-feira, Nº 1.661, Ano VI.



**Fonte:** Blackout e a Luftwaffe nazista: Algumas notícias da II Grande Guerra na cidade de Manaus – AM, 2012.

A partir disso, inúmeras orientações e instruções foram divulgadas com objetivo de disciplinar os moradores no exercício de defesa antiaérea. O militar de alta patente utilizando uma área privilegiada do Teatro Amazonas, ordenava sua patrulha de soldados a fiscalizarem os vários trechos da cidade.

Foi “necessário” educar estes cidadãos, porque mesmo após desligar a chave geral de eletricidade, muitas pessoas que residiam em áreas mais afastadas, utilizavam outras formas de iluminação como fogueiras, lampiões e lamparinas. A organização de Defesa Passiva Anti- aérea então reforçou esse efeito psicológico por meio de folhetos e notas nos turnos matutino e vespertino, alertando a população quais seriam os comportamentos seguros em caso de possíveis bombardeios, que jamais ocorreram (AGUIAR, 2012).

Aguiar (2012) relata como ficou a situação no Brasil e especificamente a Amazônia, após o cessar dos conflitos beligerantes da II Guerra Mundial:

[...] Amazônia tem um crescimento de excedentes do látex durante alguns anos. Consequentemente, não houve uma absorção da borracha por um mercado consumidor interno e o cerceamento de créditos para a produção nos seringais foi gradativamente retirados, sufocando ainda mais, uma economia que já apresentava fragilidade.

A riqueza do látex da borracha novamente escorreria pelos nossos dedos, anunciando mais um período de estagnação e letargia econômica e social. O Amazonas passa a sobreviver com a atividade da pesca e a extração da castanha do Brasil, juta, madeiras, especiarias e outros produtos provenientes da floresta.

Repetia assim, os mesmos erros primários do período da Belle Époque (primeira década do século XX). Não levando em consideração o axioma (válido ou não válido) que diz que a História serve para que não cometamos os mesmos erros do passado.

O colapso econômico foi tão brutal que a economia do Estado do Amazonas só retornou a ter um verdadeiro fôlego com a implantação da Zona Franca de Manaus e o Polo industrial de Manaus no final da década de 1960. Trazendo consigo as invasões de terras urbanas, criminalidade descontrolada, péssima infraestrutura, todos os problemas característicos sofridos pelas grandes cidades. Problemas superlativados encontrados na Metrópole dos Manaós. (AGUIAR, 2012, p. 12-13).

### 2.3 CIDADE FLUTUANTE

Souza (2016) informa que, a “cidade flutuante” representava um modelo de ocupação dos espaços fluviais que cresceu em Manaus a partir do final da década de cinquenta. As águas urbanas da cidade ocupadas foram: orla-sul do Rio Negro, centro, “frente da cidade”, e os igarapés que subiam Manaus adentro. “A ‘cidade

flutuante’, nasceu e floresceu em plena área central da capital amazonense e não em terra, mas sobre as águas” (SOUZA, 2016, p. 4).

Com o adensamento de casas flutuantes, ocorreu aumento populacional e um aquecimento comercial. Esses elementos contribuíram para configuração do lugar e determinou as novas formas de sociabilidades estabelecidas por um cotidiano próprio. [...] “mais de 2 mil casas flutuantes com seus 12 mil moradores são invisibilizadas pelas pesquisas históricas” (SOUZA, 2016).

De acordo com Souza (2016) “até o início da década de 1940, a malha urbana de Manaus não havia sofrido mudanças significativas. Além do Centro, berço de sua origem, tinha grosso modo os bairros dos Educandos e Cachoeirinha à Leste, Mocó/Vila Municipal ao Norte e à Oeste, São Raimundo”. O começo da explosão urbana aconteceria nos anos seguintes.

Em 1950, pessoas vindas dos interiores amazônicos e do nordeste brasileiro ultrapassaram o bairro dos educandos, e criaram o bairro São Lázaro e Crespo. Assim, com esse contingente populacional, a cidade foi se expandindo, e a constante movimentação dos recém-chegados empurrou as fronteiras da cidade resultando na criação de vários bairros (SOUZA, 20016, p. 6).

Segundo Souza (2016) a enchente que aconteceu em 1953, reforçou o trânsito de centenas de pessoas do interior, que afetadas pelas consequências desse fenômeno da natureza, seguiram em direção a cidade de Manaus. O resultado foi o crescimento da densidade demográfica e a criação de novos subúrbios, como exemplo do bairro da Glória, próximo a Santo Antônio e São Raimundo, frutos da grande alagação.

Na tentativa de racionalizar e compreender esse avanço urbano, foi criada a Lei nº 367, de 1951, que promoveu um novo zoneamento da cidade de Manaus.

**Figura 12.** Planta do zoneamento de Manaus, 1951.



Fonte: SOUZA, 2016, p.7.

Souza (2010) informa que, a cidade de Manaus foi se formando gradativamente pelo extenso litoral, e durante os anos cinquenta, a “Cidade flutuante” se tornou um fenômeno social e urbano, formada pelas culturas próprias do local, onde as águas sempre foram uma característica marcante na vida dos moradores, conhecidos por ribeirinhos.

**Figura 13.** Postal de Manaus – Cidade Flutuante no Rio Negro.



**Fonte:** Souza, 2016.

Esse espaço público representou para as famílias, que totalizaram nos anos sessenta, mais de 12 mil pessoas ocupando aquele espaço fluvial, oportunidades de moradias baratas e trabalhos relacionados com a vida marítima do Porto de Manaus e do Mercado Público. No entanto, para as autoridades públicas - que era o governo militar - essa configuração e ocupação de moradia representava um modo de vida cultural desarmonioso com os moldes modernos e funcionais que a configuração industrial apresentava. Portanto, a cidade flutuante representava um grave problema para o modelo de modernização urbana que o governo militar pretendia seguir, e a resolução foi sua completa destruição. (SOUZA, 2010, p.13).

Como salienta Souza (2010), esses flutuantes foram obstinadamente combatidos e condenados pelas autoridades de 1964 e 1967, com ordem do governador Arthur Cezar Ferreira Reis, representante da ditadura militar em Manaus, e denunciadas incessantemente pela revista Amazônia de 2000.

A cidade flutuante era constituída por um conjunto de casas de madeiras, construídas sobre troncos de árvores que as tornavam capazes de flutuarem sobre as águas do rio Negro e dos igarapés de Manaus, durante os anos de 1920 - após o declínio da economia da borracha - até o ano de 1967. Foi implantado na cidade uma política de integração nacional pelo governo militar, que pretendia retirar Manaus do marasmo econômico, e integrar a região amazônica ao modelo internacional de produção capitalista. (SOUZA, 2010, p.14).

Souza (2016) enfatiza que, embora essas particularidades de modos culturais e vivências pudessem ser reconhecidas peculiaridades da região, e, portanto, uma identidade, que era adequada as características ecológicas do lugar. Pelo contrário, foi interpretada erroneamente como expoente máximo da desorganização urbana, e promiscuidade social e sanitária. Ainda segundo o autor:

Mais do que construções, plantas e projetos, a arquitetura do "Novo Amazonas" representava uma assinatura de poder na qual a "cidade flutuante" não deveria ter nenhuma linha. Ordem instalada na cidade pelo governo de Arthur Cezar Ferreira Reis que, por intermédio de um regime de exceção e compartilhando as perspectivas de modernidade em voga, passou a ditar o rumo e tino de expansão de Manaus, interferindo em modos de vida próprios do lugar, condenando tudo que se mostrasse contrário ao pensamento do "Novo", moderno e civilizado. A "cidade flutuante", nesse sentido, foi a expressão máxima de censura (SOUZA, 2016, p. 30).

Na obra “Dois Irmãos”, o autor Milton Hatoum ilustra essa “cidade flutuante” através de alguns trechos na narrativa, por exemplo, quando Nael sai em busca de mercadoria solicitada por Zana:

Aos domingos, quando Zana me pedia para comprar miúdos de boi no porto de Catraia, eu folgava um pouco, passeava ao léu pela cidade, atravessava as pontes metálicas, perambulava nas áreas margeadas por igarapés, os bairros que se expandiam àquela época, cercando o centro de Manaus. Via um outro mundo naqueles recantos, a cidade que não vemos, ou não queremos ver. Um mundo escondido, ocultado, cheio de seres que improvisavam tudo para sobreviver, alguns vegetando, feito a cachorrada esquelética que rondava os pilares das palafitas. Via mulheres cujos rostos lembravam os de minha mãe, via crianças que um dia seriam levadas para o orfanato que Domingas odiava. Depois caminhava pelas praças do centro, ia passear pelos becos e ruelas do bairro da Aparecida e apreciar a travessia das canoas no porto da Catraia. O porto já estava animado àquela hora da manhã. Vendia-se tudo na beira do

igarapé de São Raimundo: frutas, peixes, maxixe, quiabo, brinquedos de latão. (HATOUM, 2006, p. 59-60).

Em outro trecho do livro “Dois Irmãos”, Yaqub no seu retorno a cidade de Manaus, passeia com Nael pelo espaço que lhe trazem recordações de vivências de sua infância:

Depois nós caminhamos pelo porto da Escadaria, onde um canoieiro nos conduziu até o igarapé dos Educandos. A vazante do rio Negro formava praias enlameadas, onde havia pequenos motores encalhados e cascos de embarcações emborcados. Yaqub começou a remar, as vezes erguia o remo e acenava aos moradores das palafitas, ria ao ver os meninos correndo nos becos do bairro, nos campos de futebol improvisados, ou escalando o toldo de barcos abandonados. “Eu brincava muito por aqui”, ele disse. “Vinha com tua mãe, nós dois passávamos o domingo nessas margens... escondidos nos aningaís. [...] Ele me levava para um boteco na ponta da Cidade Flutuante. Dali podíamos ver os barrancos dos Educandos, o imenso igarapé que separa o bairro anfíbio do centro de Manaus. [...] O labirinto de casas erguidas sobre troncos fervilhava: um enxame de canoas chegava ao redor das casas flutuantes, os moradores chegavam do trabalho, caminhavam em fila sobre as tábuas estreitas, que formam uma teia de circulação. [...] eu tinha percorrido os caminhos da cidade flutuante nas folgas de domingo. (HATOUM, 2006, p. 85-90).

Neste outro trecho, Milton Hatoum em seu romance “Dois Irmãos” descreve como se deu a formação da cidade flutuante e a expansão da cidade de Manaus, por meio da migração massiva dos seringueiros oriundos dos interiores do Amazonas:

Vendia de tudo um pouco aos moradores do Educandos, um dos bairros mais populosos de Manaus, que crescera muito com a chegada dos Soldados da Borracha, vindos dos rios mais distantes da Amazônia. Com o fim da guerra, migraram para Manaus, onde ergueram palafitas à beira dos igarapés, nos barrancos e nos clarões da cidade. Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro. Desse tumulto participava Halim, que vendia coisas antes de qualquer um (HATOUM, 2006, p. 32).

Santos (2014) declara que a literatura e a história são áreas de que pesquisa que frequentemente entram em contato, podendo ser com intuito de explicar uma pela outra, ou através de meio de discussão, sendo apresentada como modo de representação da realidade. O contexto histórico que foi criada em uma obra literária, esclarecem o objeto literário. Portanto, o escritor manauara Milton Hatoum desempenha um papel importante no aspecto representação de um fato histórico em uma obra ficcional.

O período histórico do romance, vai do fim do Ciclo da Borracha, passando pela Segunda Guerra Mundial, terminando com a tomada da cidade de Manaus pela ditadura militar em 1964.

A tentativa de resgate das informações históricas foi resultante de pesquisa bibliográfica e também de fontes iconográficas antigas – ilustrações, fotografias.

### 3 ANÁLISE DA OBRA “DOIS IRMÃOS” DE MILTON HATOUM

Neste capítulo será apresentado a biografia do escritor brasileiro Milton Hatoum, e a obra que serviu como objeto de estudo deste trabalho, o livro “Dois Irmãos”. Em seguida, mostraremos como são identificados nas narrativas literárias, os fragmentos que apresentam espaços e elementos históricos identificados como espaços turísticos e atrativos turísticos na cidade Manaus.

#### 3.1 MILTON HATOUM

Milton Hatoum é um escritor amazonense, nascido na cidade de Manaus em 1952, descendente de libaneses, tradutor e professor brasileiro que atualmente vive em São Paulo. Desde cedo, o autor soube conviver com um ambiente multicultural, pois quando pequeno, ouvia as conversas dos mais velhos em árabe, idioma diferente do que ele costumava usar e escutar diariamente. Assis (2010, p.48) afirma que por isso, Milton em sua infância, imaginava que existia uma língua para os mais velhos, e outra, para as crianças.

Devido a sua forte formação multicultural, Milton Hatoum soube unir a cultural oriental e a indígena oriunda das pessoas que frequentavam sua casa. Para Milton Hatoum: “As culturas não são separadas. Não existem fronteiras rígidas entre o ocidente e o oriente. Essa história de separar as culturas é um discurso ideológico que pretende hierarquizar essa ou aquela civilização” (HATOUM, 2002).

Hatoum após os estudos secundário em Manaus, mudou-se para São Paulo durante a década de 1970, e ingressou na Universidade Estadual de São Paulo, onde cursou Arquitetura e Urbanismo. Durante sua graduação, foi perseguido pelo DOPS da ditadura militar, devido a sua participação com o DCE da USP.

Em 1978, começou a lecionar história da Arquitetura na Universidade de Taubaté, e permaneceu na universidade até o momento em que pediu afastamento por haver conseguido uma bolsa de estudos em literatura hispano-americano na Europa. Em 1980, seguiu então para a Espanha como bolsista do instituto *Iberoamericano de Cooperación*, e viveu entre Madri e Barcelona. Depois, mudou-se para França e cursou sua pós-graduação em literatura na Universidade de Paris III.

Enquanto viveu em Paris, Hatoum iniciou seu primeiro romance “Relato de um certo oriente”, que viria a ser publicado em 1989 e renderia ao autor seu primeiro prêmio Jabuti de melhor romance.

Após concluir seus estudos superiores, Hatoum retornou para Manaus e passou a lecionar literatura francesa na Universidade Federal do Amazonas entre os anos de 1984 até 1999, também foi professor visitante da Universidade da Califórnia (Berkeley em 1996).

Em 1989, Milton Hatoum publicou seu primeiro romance *Relato de um certo Oriente*, publicado pela editora Companhia das Letras. Seus principais romances são: *Relato de um certo oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005) e *Órfãos do eldorado* (2008). Onde os três primeiros romances foram premiados pelo Prêmio Jabuti na categoria de melhor romance. Seu segundo livro “*Dois Irmãos*”, foi traduzido para mais de doze idiomas e teve adaptação para televisão com a minissérie homônima, com adaptações para teatro e quadrinhos.

Sua primeira novela “*Órfãos do Eldorado*”, no ano de 2008 teve adaptação para o cinema, e em 2013 o autor reuniu suas crônicas no “*Solitário à espreita*”. Nos anos seguintes, publicou mais romances, como “*A cidade ilhada*” (2014), “*A noite da espera*” (2017) e “*Pontos de fuga*” (2019).

O autor costuma retratar em suas obras os conflitos existentes em lares desestruturados com leve tendência política. Nas obras, *Dois Irmãos* e *Cinzas do Norte*, o escritor faz uma sutil crítica ao regime militar brasileiro.

### 3.2 BREVE SÍNTESE DA OBRA “DOIS IRMÃOS”

O romance retrata a relação entre a Amazônia brasileira e o Líbano, onde são entrelaçadas pessoas com culturas, procedências e desfechos diversos. O cenário é a cidade de Manaus do início do século XX, onde a cidade e o Rio Negro transformavam-se em símbolos das ruínas e da passagem do tempo (OLIVEIRA, 2013).

O núcleo central do romance *Dois Irmãos* (2006) é uma família de imigrantes libaneses que decidem viver em Manaus, em consequência da prosperidade econômica durante a economia da borracha para os estrangeiros, e ao aportar na cidade, encontraram um universo oposto ao de suas expectativas: uma cidade flutuante, suja e feia (ASSIS, 2010, p. 7).

Halim é um mascate libanês que se apaixona perdidamente por Zana, filha do libanês viúvo Galib, dono de um restaurante próximo do porto de Manaus. Dessa união de Halim e Zana, nascem os gêmeos Yaqub, Omar e Rânia, a caçula.

O foco da narrativa é o conflito entre os dois irmãos gêmeos Yaqub e Omar, que desenvolvem uma rivalidade desde a infância. Grande parte dessa desavença é ocasionado pela preferência da mãe dos gêmeos, Zana, com o filho gêmeo, caçula, o Omar, que por ter algumas complicações de saúde nos primeiros dias de vida, acabou ocupando maior atenção da mãe.

Apesar de serem idênticos fisicamente, os gêmeos eram de personalidade e temperamento distintos, que com o passar dos anos foi se acentuando. “Yaqub sempre fora mais quieto e afeito aos estudos. Protegido pela mãe, Omar era mais atrevido e baderneiro” (CECCARELLO, 2012, p. 5).

Oliveira (2013) pontua como se desenvolveu essa rivalidade entre os irmãos gêmeos:

De temperamentos completamente diferentes, os gêmeos em nada se pareciam na personalidade, mas eram idênticos fisicamente, por vezes confundindo até a própria mãe. A rivalidade entre os gêmeos vai se acentuando à medida que vão crescendo. E chega ao ápice quando se apaixonam pela mesma moça, Lívia, ao ponto de Omar agredir Yaqub com uma garrafa e cortar-lhe o rosto numa sessão de cinema improvisado quando este beijava Lívia. (OLIVEIRA, 2013, p. 24).

O livro é narrado por Nael, filho de Domingas, a empregada da casa. E seu dilema na narrativa, se trata da busca do seu papel na trama, buscando descobrir quem é seu pai entre os homens da família. Segundo Pellegrini (2004) “narrando em primeira pessoa, esse narrador observador, testemunha privilegiada, tenta reconstruir sua própria identidade em meio aos estilhaços das histórias dos outros, que ouviu e guardou, ou dos fatos que presenciou, do seu quartinho afastado no fundo do jardim”.

É por meio dos flashbacks, que Nael vai resgatando suas memórias, e narrando o seu passado na busca pela compreensão de sua condição de agregado e filho bastardo na família que também era sua, apesar de ser tratado de maneira diferenciada pelos integrantes da casa em que vivia (CECCARELLO, 2012).

### 3.3 ANÁLISE DO LIVRO “DOIS IRMÃOS”

Para Oliveira (2013) o autor Milton Hatoum mais do que simplesmente retratar, faz “em sua construção literária, uma fusão do urbano com o rural, permitindo uma intimidade latente entre floresta, rio e gente, compondo os fatos histórico, e até mesmo dando importância documental a seus romances”. A autora ainda destaca a chegada da modernidade em Manaus, e diz que por meio da literatura, Hatoum fincou uma crítica raivosa e política da cidade e seu urbanismo selvagem (OLIVEIRA, 2013).

A cidade de Manaus é o centro da narrativa que tem como tema central, a família libanesa e seus conflitos familiares que, segundo Oliveira (2013) atuam apenas como enfeites que Nael precisa para contar a história da “cidade ilhada”.

Oliveira (2013) destaca que:

O Teatro Amazonas, o Mercado Municipal Adolfo Lisboa, o Colégio Dom Pedro II, o Porto de Manaus, a Cidade Flutuante, a Igreja Nossa Senhora dos Remédios, a Praça dos Remédios, e toda a infraestrutura de pavimentação asfáltica e urbanística foram criados para atender as necessidades da classe econômica mais abastada em nada sendo usufruído pela maioria da população formada por trabalhadores menos imigrantes tanto de dentro como de fora do país. Toda essa infraestrutura foi necessária para atrair o capital estrangeiro e os trabalhadores após a decadência do primeiro ciclo da borracha (OLIVEIRA, 2013, p. 79).

A partir do trecho citado, observamos que fora criado na cidade de Manaus durante o Ciclo da Borracha, uma “fachada”, uma vitrine conhecida como “Belle Époque Amazônica” para atrair o capital estrangeiro. Contudo, como afirma Oliveira (2013) o narrador Nael, não deixa claro se chega a perceber esse crescimento da cidade, uma vez que, esse fausto fora um privilégio de uma minoria abastada que chegou de diversos pontos do país e de outros países.

Na seção seguinte, iremos fazer uma análise dos fragmentos extraídos do romance “Dois Irmãos” do autor amazonense Milton Hatoum, que descrevem os espaços físicos usados através da licença poética, que se configuram como atrativos turísticos da cidade de Manaus.

Os espaços físicos escolhidos são: Praça dos Remédios, Igreja Nossa Senhora dos Remédios, Porto de Manaus, e o Mercado Municipal Adolfo Lisboa. Esses lugares compõem a área portuária de Manaus, conhecida como Manaus Moderna. É a região mais antiga da cidade e se constitui enquanto espaço importante de comércio para a cidade de Manaus desde o final do século XIX, e “apresenta multiplicidade de

vivências e experiências diversas que se relacionam das mais diversas maneiras” (SILVA, 2014, p. 3).

A escolha dos lugares se dera também pelos acontecimentos da narrativa literária terem suas ocorrências sobretudo nesta região. Segundo Oliveira (2013, p. 37) “o lugar geográfico, determinado cronotopicamente, é um elemento importante nas obras de Hatoum, pois as relações sociais e familiares perpassam essa ideia de modo amplo no âmbito de toda a obra Hatoumiana”.

## **PRAÇA DOS REMÉDIOS**

A praça dos Remédios é o espaço de moradia dos personagens centrais do romance “Dois Irmãos”, e através da obra acompanhamos os eventos marcantes e as vivências da família libanesa que escolheu a cidade de Manaus como moradia.

Podemos observar no romance, a chegada da família na cidade de Manaus: “Por volta de 1914, Galib inaugurou o restaurante Biblos no térreo da casa” (Hatoum, 2006, p.36). A seguir, observamos qual a área da cidade de Manaus fora escolhida pela personagem Galib (o patriarca da família) para instalar seu restaurante Biblos e quais eram seus frequentadores:

Desde a inauguração, o Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo. [...] comiam, bebiam, fumavam, e as vozes prolongavam o ritual, adiando a sesta (HATOUM, 2006, p. 36).

Em outro trecho do romance, agora alguns anos depois da inauguração do restaurante Biblos, a personagem Yaqub (neto de Galib) observa da janela de sua casa, a movimentação dos transeuntes na Praça dos Remédios:

Apoiado no parapeito, Yaqub olhava os passantes que subiam a rua na direção da praça dos Remédios. Por ali circulavam carroças, um e outro carro, cascalheiros tocando triângulo de ferro; na calçada, cadeiras em meio círculo esperava os moradores para a conversa ao anoitecer, nos batentes das janelas, tocos de velas iluminariam as noites da cidade sem luz (HATOUM, 2006, p.18).

No trecho a seguir, vemos a chegada de Domingas - a empregada da família – a casa da família libanesa, ainda no mesmo trecho são citadas as características e a localização da residência:

A irmã pôs uma touca na cabeça dela e as duas saíram do orfanato, e caminharam até a avenida Joaquim Nabuco e entraram numa rua arborizada que dá na praça Nossa Senhora dos Remédios. Pararam diante de um sobrado antigo, pintado de verde-escuro. No alto, bem no centro da fachada, um quadrado de azulejos portugueses azuis e brancos com a imagem de Nossa Senhora da Conceição (HATOUM, 2006, p. 56).

A praça Nossa Senhora dos Remédios é um dos logradouros mais antigos da cidade de Manaus, tendo sido criada em 1899, ao longo de sua existência recebeu algumas nomenclaturas.

No ano de 1856, foi nomeada como Largo dos Remédios, por referência à igreja Nossa Senhora dos Remédios. Em 1897, recebeu a denominação de Praça Torquato Tapajós como homenagem ao escritor e pesquisador amazonense. Em 1899, quando fizeram a rampa que dá acesso ao rio, o mesmo local foi inaugurado como Praça dos Remédios. No ano de 1929, ganhou mais outra denominação, dessa vez, foi nomeada como Praça Irineu Joffily, que foi um bispo em Manaus, mas depois voltou a ser chamada de Praça dos Remédios. “Em 1933, perdeu as pedras de calcário de Lisboa que circundavam todo o passeio e, em 1945, foi edificado o monumento do Sagrado Coração de Jesus, que é a estátua de Cristo que fica no meio da Praça” (AMAZONAS.AM, 2014).

Sobre suas características, o site do Governo do Amazonas descreve o espaço público como:

A Praça dos Remédios sempre foi um logradouro simples, aberto para o rio, no final do qual estavam as conhecidas escadarias dos Remédios, de acesso à praia e rampa do mercado público que se destinavam também à atracação de embarcações que viajavam ao interior do Estado. A tradição da ancoragem dos barcos permanece, ainda de que forma precária e o local ainda é um centro de convivência das famílias libanesas que dominavam a região com inestimáveis serviços à economia e à cultura de Manaus. (AMAZONAS.AM, 2014).

A área onde se situa a praça foi o bairro mais antigo de Manaus, datado de 1825. “Tratado como largo, o mesmo ficava nos fundos da capela, servindo como cemitério e, na região, foi edificado o primeiro reservatório suspenso de água da

cidade”. Localizada no centro histórico de Manaus, a praça está situada em frente à igreja Nossa Senhora dos Remédios, na rua Miranda Leão, e por muitos anos foi considerada um belo espaço público de lazer que recebia famílias nos finais de semana e feriados (AMAZONAS.AM, 2014).

O espaço apresentava sinais de degradação, e sua ocupação era em sua maioria por moradores de ruas. A população manauara não revelava muito interesse em frequentar o espaço, argumentando ser uma área que não apresentava muita segurança, “jardim sem manutenção, calçadas e lixeiras públicas quebradas e lixos no chão, são problemas que afastaram os frequentadores que buscavam o local para o lazer” (ACRÍTICA, 2013).

Em outubro de 2014, a praça fez parte do projeto de revitalização do patrimônio histórico do centro de Manaus, sendo contemplada pelas obras de revitalização (AMAZONAS.AM, 2014).

**Figura 14.** Praça dos Remédios



**Fonte:** Site Acrítica, 2013.

## IGREJA NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

No romance “Dois Irmãos”, a igreja Nossa Senhora dos Remédios se faz presente no cotidiano dos personagens da obra, desde por estar situada na área em que se localiza a moradia da família, como por fazer parte do cotidiano dos integrantes da família libanesa.

No excerto que se segue, é apresentado os preparativos do casamento de Zana e Halim, os futuros pais dos gêmeos, Yaqub e Omar, e a participação ativa do pai de Zana - Galib - para a efetivação do matrimônio.

Galib convidou alguns amigos do porto da Catraia, das escadarias dos Remédios, pescadores e peixeiros que abasteciam o Biblos, e também compadres dos lagos da ilha do Careiro e do paraná do Cambixe. Uma mistura de gente, de línguas, de origens, trajes e aparências. Juntaram-se na igreja Nossa Senhora dos Remédios e juntos ouviram a homilia do padre Zoraier (HATOUM, 2006, p. 41).

Por meio do excerto acima nota-se a importância da Igreja Nossa Senhora dos Remédios para a família, assim como toda a região que constitui a área portuária da cidade de Manaus. Pois, assim como na realidade, na narrativa literária o espaço físico também se configura como lugar de múltiplas vivências e experiências.

Em outro trecho do romance “Dois Irmãos”, novamente a igreja Nossa Senhora dos Remédios é citada, dessa vez, como escolha de lugar estratégico para a abertura do pequeno comércio da família: “Ali o movimento era de multidão: um vaivém noite e dia” (HATOUM, 2006, p. 48).

Adiante, temos a situação onde Zana declara ao seu marido Halim seu desejo de abrir um pequeno negócio próximo à igreja Nossa Senhora dos Remédios, e sua frequência as missas de domingo na igreja:

Esperou: paciente, insistente na paciência. Então ela sugeriu que abrissem um pequeno comércio na rua dos Barés, entre o porto e a igreja. [...] nas manhãs de domingo, Zana resistia aos galanteios de Halim e corria para a igreja Nossa Senhora dos Remédios (HATOUM, 2006, p. 47-48).

A igreja Nossa Senhora dos Remédios, na verdade, se chama Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, no entanto, é mais conhecida por Igreja dos Remédios. Fica localizada na rua Leovegildo Coelho, bairro Centro, Zona sul de Manaus. Sendo um

dos templos mais conhecidos da cidade, foi edificada em local de antigo cemitério indígena.

Foi fundada em 1818 pelo Major Manoel Joaquim por meio da arrecadação de impostos da população. Em 1821, quando estava com a construção parcialmente concluída, a população se revoltou contra o governador, por ocasião de uma manifestação denominada revolução da independência, à qual o governador não aderiu, e a população mostrou como resposta a essa revolta, a depredação do local, que só viria a ser reaberto no ano seguinte, em 1822 (EM TEMPO, 2020).

No ano de 1850, a igreja se tornou Matriz provisória do catolicismo em Manaus, devido ao incêndio que atingiu a Catedral Nossa Senhora da Conceição, e seguiu assim durante sete anos. Ao longo do século XIX, a igreja passou por diversas reformas, e em 1857, o presidente da província, João Pedro Dias anunciou a construção de uma torre na igreja, porém, o período de chuvas impediu que os serviços de reboco fossem finalizados (EM TEMPO, 2020).

Em 1878, a igreja foi elevada à categoria de paróquia. A igreja apresenta características do projeto das obras que foram iniciadas em 1901, tendo sido assinado pelo arquiteto italiano Filinthe Santoro, segundo os registros a obra durou três anos, sendo em dezembro de 1905, dois meses depois do fim das reformas, a cerimônia oficial de instalação. Em 1988 foi tombada como Monumento Histórico do Amazonas, pelo decreto 11.037, durante a administração de Amazonino Mendes” (EM TEMPO, 2020).

De acordo com o site Manaus ontem hoje e sempre (2014) as características da arquitetura da capela são:

A Igreja dos Remédios, em sua feição atual, possui estilo neoclássico, com influência do renascentismo italiano. Trata-se de uma edificação contendo dois pavimentos, apresentando fachada principal com as seguintes características: embasamento em reboco liso; corpo dividido em cinco partes por pilastras de fuste liso, seção quadrangular e de capitéis coríntios. O pavimento térreo é composto por quatro nichos em arcos e pela porta centralizada à fachada. O pavimento superior é composto por cinco janelas em arco pleno, sendo que a esquadria central é feita em vitral, percebendo-se um motivo de cruz. O coroamento do prédio se faz por uma cimalha simples, cujo friso apresenta, em alto relevo, a inscrição “Nossa Senhora dos Remédios”, e por um frontão triangular, encimado por uma cruz, e contendo um símbolo cristão em seu tímpano. A cobertura tem caimento em duas águas. Cada fachada apresenta um nicho no andar térreo e uma janela em arco pleno no segundo pavimento. Na parte posterior da igreja, vê-se um campanário coberto por uma cúpula. O acréscimo na parte posterior do conjunto não é original (MANAUS ONTEM HOJE E SEMPRE, 2014).

**Figura 15.** Igreja dos Remédios



**Fonte:** Site Em tempo, 2020.

## PORTO DE MANAUS

O Porto de Manaus é mais um dos muitos elementos históricos e culturais da cidade presente na obra “Dois Irmãos”. Percebe-se a participação do porto de Manaus em diversos trechos da narrativa literária, como o fragmento a seguir ainda no início da obra, quando Zana nos últimos dias de sua vida, rememorava as lembranças de duas importantes pessoas de sua vida que já não estavam mais presentes fisicamente - seu pai, Galib, e seu marido, Halim -.

Assim, Nael, o narrador da obra descreve as recordações de Zana sobre dois entes queridos falecidos: “Ela imaginava o sofá cinzento na sala onde Halim largava o narguilé para abraçá-la, lembrava a voz do pai conversando com barqueiros e pescadores no Manaus Harbour” (HATOUM, 2006, p. 9).

Em outro fragmento do romance, Rânia, a irmã caçula dos gêmeos, recorda a última lembrança que tinha de seu irmão, Yaqub, no porto de Manaus, no dia da sua despedida quando este fora mandado para o Líbano a seu contragosto:

“Ele chegou? Meu irmão chegou?” Correu para a porta, de onde avistou um rapaz tímido, mais alto que o pai, segurando o farnel surrado e agora olhando para ela com aquele olhar de alguém que vê pela primeira vez a moça, e não

a menina mirrada que abraçara no cais do Manaus Harbour (HATOUM, 2006, p. 16-17).

No fragmento a seguir, o narrador Nael comenta seu desejo de fugir da cidade, durante um de seus passeios pelo porto de Manaus:

Quantas vezes pensei em fugir! Uma vez entrei num navio italiano e me escondi, estava decidido: ia embora, duas semanas depois desembarcaria em Gênova e eu só sabia que era um porto na Itália. Tinha rompantes de fuga, podia embarcar em Santarém ou Belém, seria mais fácil. Olhava para todos aqueles barcos e navios atracados no Manaus Harbour e adia a partida (HATOUM, 2006, p. 66).

O porto flutuante de Manaus foi inaugurado em 1903 pela firma *Manáos Harbour Limited* para atender a alta demanda resultante do desenvolvimento econômico de um dos períodos mais importantes para a região amazônica, produzido pela borracha.

Antes da construção, os navios maiores não conseguiam atracar no cais da cidade, portanto, foi necessário um delicado trabalho de engenharia para que houvesse o aportamento das embarcações em qualquer época do ano, independentemente das variações do nível das águas do rio (PORTO DE MANAUS, 2020).

O porto de Manaus está localizado à margem do rio Negro, 13km distante da confluência com o rio Solimões, sendo a principal entrada para o estado do Amazonas. O espaço físico além de servir de para embarque e desembarque de passageiros e mercadorias que vem e vão das cidades do interior do estado, recebe transatlânticos com turistas de várias partes do mundo, e também atua como lugar de embarque e desembarque de produtos destinados para o Polo Industrial de Manaus, bem como embarcar produtos que destinarão para várias partes do Brasil e do mundo.

Conforme a Portaria-MT nº 1.022, de 20 de dezembro de 1993, a área do porto de Manaus, no estado do Amazonas, é constituída:

- a) pelas instalações portuárias terrestres existentes na cidade de Manaus, na margem esquerda do rio Negro, tendo como limites extremos, a montante do porto, a foz do igarapé São Raimundo e, a jusante, a foz do igarapé Educandos, ambos no rio Negro, abrangendo todos os cais, docas, pontes e píeres de atracação e de acostagem, armazéns, edificações em geral e vias internas de circulação rodoviária e ferroviária e ainda os terrenos ao longo dessas áreas e em suas adjacências pertencentes à União,
- b) pela infraestrutura de proteção e acessos aquaviários, compreendendo as áreas de fundeio, bacias de evolução, canal de acesso e áreas adjacentes a esse até as margens das instalações terrestres do porto organizado, conforme definido no item "a" acima, existentes ou que venham a ser

construídas e mantidas pela Administração do Porto ou por outro órgão do poder público.

As obras do porto de Manaus tiveram início em 7 de outubro de 1902, sendo realizada por etapas, e arrastaram-se morosamente durante anos, tendo sua conclusão no ano de 1919. De acordo com o portal Iphan:

O litoral e um antigo igarapé foram aterrados e foi levantado um muro de arrimo, construído à jusante, acompanhando o pequeno trecho, já existente, de meados do século passado. Além do cais de alvenaria, foi construído um cais sobre boias de ferro cilíndricas, flutuando independentemente do nível do rio. A forma de pensar a arquitetura do início do século está bem representada no porto. [...] O ferro aparece com soluções formais próprias - armazéns com chapas onduladas de vedação, o "road-way" sobre boias flutuantes. Porém, quando se trata dos edifícios da Alfândega e da Administração temos a estrutura de ferro escondida sob vedações de alvenaria, com elementos alusivos a estilos passados. Os prédios da Alfândega e da Guardamoria representam uma transição entre o conjunto de armazéns e os edifícios da *Manáos Harbour*, por utilizarem o sistema de pré-moldagem. Três das edificações tombadas são anteriores aos empreendimentos da *Manáos Harbour Ltda.*: o antigo edifício do Tesouro Público (inscrições na fachada 1887-1890) de estilo neoclássico; o trapiche 15 de novembro - o único em chapa prensada de fabricação belga (possivelmente trata-se do mesmo trapiche Princesa Isabel cuja construção foi iniciada em 1888 e rebatizado com o advento da República) e a bomba de incêndio, junto a este trapiche, que já é mencionada nos relatórios das obras públicas datado de 1869 a 1881. Os armazéns foram construídos de 1903 a 1910 (IPHAN, 1987).

O porto de Manaus é considerado o maior porto flutuante do mundo, atendendo os estados do Amazonas, Roraima, Rondônia, Acre e áreas do norte do Mato Grosso. Opera com 04 (quatro) navios simultaneamente em qualquer período do ano e mais 3 (três) navios durante a cheia do Rio Negro nos berços fixos Paredão e TC (Plataforma Malcher) (PORTO DE MANAUS, 2020).

De acordo com o site Porto de Manaus (2020) "a implantação do porto pelos ingleses, significou para a sociedade do início do século XX, um movimento de modernidade, que somado ao auge da borracha, ergueu um poderoso comércio em Manaus".

As atividades econômicas desenvolvidas na área portuária caracterizavam a vida dos manauaras, sendo um local que servia como ponto de encontros, em que famílias inteiras passeavam nos finais de semana e se deslumbravam com a movimentação de chegada e saída dos navios (PORTO DE MANAUS, 2020).

**Figura 16.** Vista panorâmica aérea do Porto de Manaus



**Fonte:** Blog do Marcell Mota, 2017.

Atualmente pelo convênio nº 7, de 26/11/97, é administrado pela Sociedade de Navegação, Portos e Hidrovias do Estado do Amazonas (SNPH) por delegação ao estado do Amazonas.

O Porto de Manaus teve sua estrutura para recepção de turistas reformada recentemente. Da sua importância para a cidade, o site Melhores Destinos afirma o seguinte:

[...] em outras capitais brasileiras é a partir da estação rodoviária que muitas viagens são feitas; em Manaus são as hidrovias que têm vez - por isso o porto é tão importante para o estado. Esse porto tem capacidade não apenas para trajetos regionais, como também para viagens internacionais e navios de carga. Quem tem vontade de fazer um cruzeiro pela região amazônica deverá utilizá-lo (MELHORESDESTINOS, 2020).

## MERCADO MUNICIPAL ADOLPHO LISBOA

Na presente obra, há também referências ao Mercado Municipal no romance Hatoumiano. De acordo com Mesquita (2006), o Mercado com sua estrutura de ferro e vidro, representa um importante exemplo da arquitetura característica da era industrial no Brasil.

Para Oliveira (2013) “A cidade de Manaus e a casa da família libanesa é o espaço da obra Dois Irmãos de Milton Hatoum no qual o narrador Nael viveu toda sua vida acompanhando o desenrolar da saga”.

No fragmento a seguir, são descritos o cotidiano da família durante os anos da Segunda Guerra Mundial. Nele, o narrador, Nael, conta a rotina do preparo das refeições da casa, onde patroa e empregada saíam juntas para fazer compras no Mercado municipal Adolpho Lisboa. “Zana e Domingas acordavam de madrugada, a empregada esperava o carvoeiro, a patroa ia Mercado Adolpho Lisboa e depois as duas passavam a ferro, preparavam a massa do pão, cozinhavam”. (HATOUM, 2006, p.18).

Neste outro trecho, o escritor Hatoum, através do personagem narrador, Nael, volta no tempo, ao recordar que Galib, o patriarca da família libanesa, também frequentava o mercado municipal. “No Mercado Municipal, escolhia uma pescada, um tucunaré ou um matrinxã, recheava-o com farofa e azeitonas, assava-o no forno de lenha e servia-o com molho de gergelim” (HATOUM, 2006, p. 36).

Por meio do excerto acima, notamos que o mercado municipal era um espaço muito importante na vida das personagens do romance “Dois Irmãos” de Milton Hatoum.

No fragmento seguinte, é descrito o momento em que o narrador Nael observa Halim, seu avô, no alto da janela na sua loja na rua dos Barés:

Penso que não me via, olhava na minha direção e não me enxergavam ou me confundia com um passante qualquer, um dos muitos que nos rondam a zona portuária desde sempre, caminhando a esmo pelas calçadas ou pela beira do rio, parando numa taberna para tomar um trago ou comer um jaraqui frito. A vista do Mercado Municipal e seus arredores, isso o velho Halim apreciava. As frutas e peixes, os paus e troncos podres, pedaços de uma natureza morta que teima em renascer por meio do cheiro (HATOUM, 2006, p.99).

O narrador Nael prossegue com sua observação:

“Esse cheiro”, disse Halim, no esconderijo da sobreloja, “e essa gente toda, os pescadores, os carroceiros, os carregadores que conheci quando era muito jovem, antes de frequentar o restaurante do Galib”. [...] passavam em frente ao Mercado Municipal, já velhos, recurvados, ainda carregando nas costas sacos de farinha e um monte de pencas de pacovã; acenavam para Halim, mas não davam mais uma paradinha na loja para tomar água ou guaraná. Não paravam, continuam a subir até o topo da praça, onde descarregavam o fardo. Depois voltavam para a beira das escadarias do pequeno porto, entravam nas embarcações e recomeçavam (HATOUM, 2006, p.100).

A obra “Dois Irmãos” de Milton Hatoum, apresenta inúmeros elementos culturais e históricos que são tecidos por meio da narrativa literária, descrevendo a riqueza de detalhes dos patrimônios, da culinária e das vivências na cidade Manaus. Oliveira (2013) pontua que:

[...] cada ponto da cidade de Manaus pode ser identificado como se o autor estivesse escrevendo com um mapa sobre sua escrivaninha, delimitando os pontos, guiando as personagens pelos bares, restaurantes, hotéis, o teatro Amazonas, pelas praças, pelo rio, pelas entranhas da floresta, vilas, aldeias, o porto, o mercado[...] (OLIVEIRA, 2013, p. 106).

O Mercado Municipal Adolpho Lisboa, também conhecido como mercadão, é um dos principais patrimônios históricos e turísticos da capital amazonense, e está localizado no centro da cidade de Manaus, mais precisamente na rua dos Barés. Situado às margens do Rio Negro, de frente para onde era a extinta “Cidade Flutuante”.

Foi construído durante o ciclo de grande prosperidade econômica na cidade – o ciclo da borracha – com material importado da Europa, tendo sido projetada pelo engenheiro francês Gustave Eiffel, o mesmo que projetou a famosa Torre Eiffel de Paris. “A estrutura metálica foi totalmente importada de Liverpool na Inglaterra, encomendada por catálogo da empresa Francisc Norton Engineers” (SILVA, 2018, p. 56).

De acordo com Iphan (1987) “no século XIX, preocupações a respeito das condições higiênicas na comercialização de alimentos, criaram a necessidade da construção de mercados públicos em várias cidades, à exemplo do existente em Manaus, às margens do rio Negro”. Dessa forma, o mercado teve o início de sua construção em 1880 pela firma "Bakus & Brisbin", de Belém, com pavilhões construídos em estrutura de ferro, pela firma "Francis Morton Engineers Liverpool", sendo inaugurado em 15 de julho de 1883.

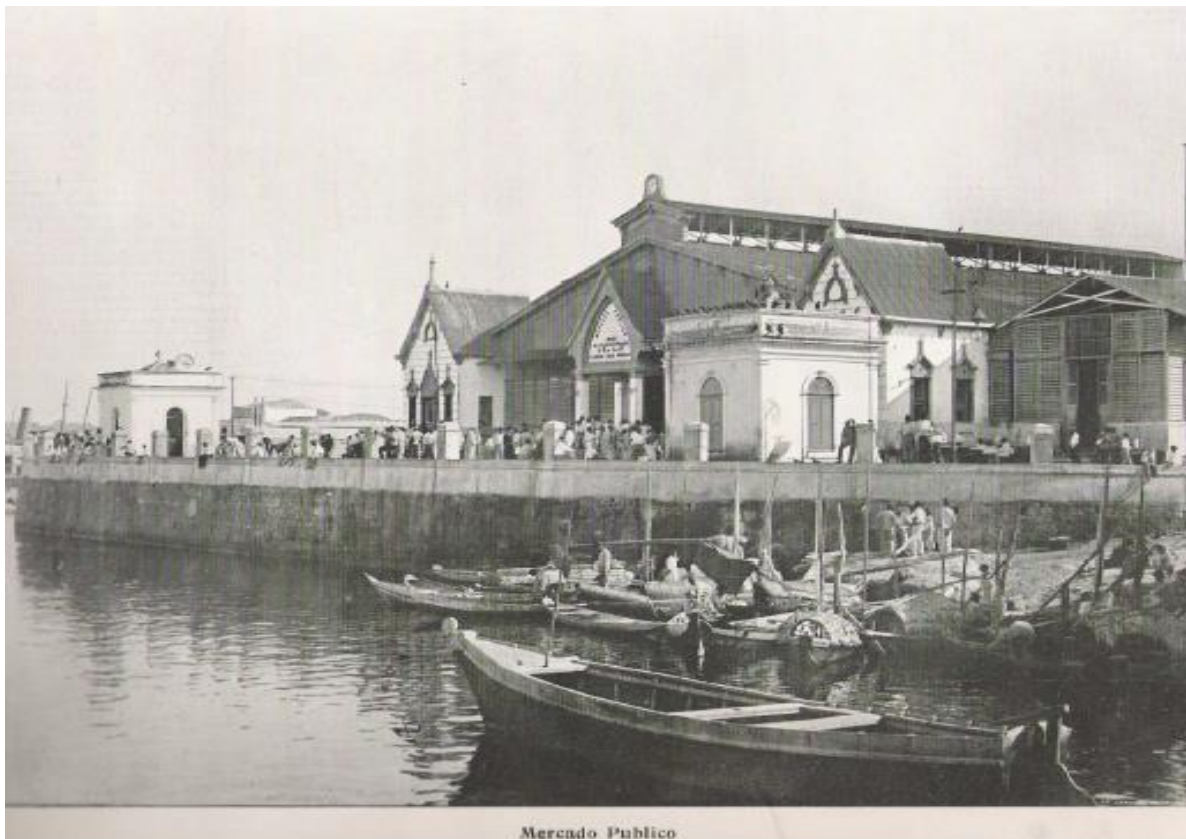
O estilo da construção é o Art Nouveau, e faz referência ao Mercado de Les Halles de Paris, sendo um dos mais importantes exemplares mundiais da arquitetura de ferro.

Segundo Silva (2018), o Mercado Municipal possui seis pavilhões de ferro fundido onde são:

[...] um central; dois laterais; da carne e do peixe; um posterior, o da tartaruga; e dois pavilhões menores instalados lateralmente nas extremidades da fachada voltada para o rio Negro, os pavilhões Amazonas e o Pará. São 182 permissionários, 64 boxes no Pavilhão Central, 20 no do Peixe, 22 no da Carne, 24 o das Hortifrúti, duas praças de alimentação cada uma com 11 boxes, 19 no Pavilhão Frontal, duas bombonieres, dois restaurantes, além dos Pavilhões Pará e Amazonas em mais de 5 mil metros quadrados. (SILVA, 2018, p. 58).

Em 1978, após a prefeitura de Manaus fazer uma pequena reforma no mercado, o então prefeito da cidade Jorge Teixeira (1975-1979) batizou o local como Mercado Municipal Adolpho Lisboa, que na época da construção do mercado, era o prefeito da cidade de Manaus (SILVA, 2018, p. 63).

**Figura 17.** Paisagem do Mercado Municipal em 1900.



**Fonte:** SILVA, 2008.

De acordo com Mesquita (2006) no final da década de 80, “o conjunto sofreu uma série descaracterização de seu entorno, ao ser contornado por uma avenida do projeto ‘Manaus Moderna’, mudou-se a paisagem, isolando-o do rio Negro”.

**Figura 18.** Mercado Municipal Adolpho Lisboa.



**Fonte:** Site Wikiwand, 2020.

O Mercado Adolpho Lisboa foi tombado como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) no dia 1 de julho de 1987. “Tido como um dos principais cartões postais da cidade, o local guarda histórias de funcionários, turistas e pessoas que frequentavam o espaço com a família” (SILVA et al, 2016).

Conforme Silva (2008) o Mercado Adolpho Lisboa é “muito mais que um patrimônio, para alguns agentes ele é lugar do cotidiano onde se constroem suas identidades”. O cotidiano do mercado é heterogêneo no seu significado e nas suas práticas, pois, há uma interação entre trabalho, lazer e cultura.

De acordo com Silva (2018), o Mercado municipal:

[...] é o patrimônio histórico em Manaus que apresenta a maior diversidade de pessoas/frequentedores e representa muito bem a cultura amazônica, embora tenha boxes preparados para atender o turismo e artesanatos que são feitos em série, ele mantém uma atmosfera, cores, aromas, pessoas e cultura que o torna um local único que representa a cultura regional. Mesmo para quem vai apenas conhecer o local, o mercadão encanta pela sua delicada beleza arquitetônica, seus detalhes, sua história e cultura regional (SILVA, 2018, p. 98).

Silva (2018) enfatiza que a compreensão do patrimônio cultural é uma herança relevante para o futuro, por esse motivo, torna-se necessário buscar preservar os patrimônios existentes na cidade de Manaus. Portanto, a história, memória e identidade cultural identificados por meio da licença poética no romance “Dois Irmãos” do escritor amazonense Milton Hatoum se configuram como elementos importantes para a preservação do patrimônio.

## CONCLUSÃO

A relação entre Turismo e Literatura apesar de pouco estudada, apresenta um processo de construção ideológica e cultural. Visto que, por meios dos elementos culturais - como patrimônios culturais materiais e imateriais: prédios históricos, costumes, comida típica, entre outros, presentes na Literatura serão constituídos o imaginário da ficção no leitor, e irão motivar o trânsito do turista, resultando em práticas turísticas.

É possível admitir, com base no estudo levantado, que o Turismo Literário atua como promotor na formação de uma destinação, quando a literatura é responsável pela captação de turistas em busca de conhecimento de um autor/obra por meio da visita à sua localidade.

Como observamos, no primeiro capítulo, há a possibilidade de ações através da atividade turística que podem contribuir para o desenvolvimento sustentável cultural. Foram referenciados exemplos de lugares que praticam o Turismo Literário, onde autoridades públicas ao relacionar Literatura e Turismo, souberam articular ações por meio de políticas públicas que promoveram reflexões sobre trocas culturais para o autóctone em favor da sustentabilidade dos valores regionais, importando ressaltar a participação da comunidade na prática deste segmento.

No segundo capítulo, foram apresentados trechos da narrativa literária presente no romance “Dois Irmãos” que referenciam o contexto histórico de Manaus que perpassa a trajetória da família libanesa na cidade, evidenciando importantes períodos históricos ocorridos na cidade de Manaus.

Verifica-se que na análise levantada no último capítulo, foram recolhidos trechos da obra “Dois Irmão” do autor amazonense Milton Hatoum, nos quais os espaços de cultura, ou seja, patrimônios culturais importantes para a história da cidade de Manaus, e para o turismo como atrativos turísticos se evidenciaram por meio da prosa literária.

É válido manifestar com base na presente pesquisa, que embora o Turismo Literário seja um segmento promissor, ainda é uma área pouco explorada nos estudos acadêmicos, resultando em escassez de produções sobre o tema. Portanto, sugere-se que se façam futuros estudos sobre o assunto, como avaliar o perfil dos possíveis turistas literários.

Outra sugestão que propomos, seria a criação de um roteiro turístico literário do romance “Dois Irmãos” no centro histórico de Manaus, especificamente nos lugares citados neste trabalho, como os quatros espaços descritos (Praça Nossa Senhora dos Remédios, Igreja Nossa Senhora dos Remédios, Mercado Municipal e Porto de Manaus) onde decorreu a obra. Poderia tomar como exemplo, o circuito turístico Guimarães Rosa em Minas Gerais. O roteiro literário baseado no romance Dois Irmãos de Milton Hatoum tornaria possível a prática turística literária na cidade de Manaus.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Sidney de. **Arigós, jabá e o caso da carne verde: vivências populares na cidade de Manaus (1939 – 1949)**. 2012. 105f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012. Disponível em: <<http://200.129.163.131:8080/bitstream/tede/3728/1/SIDNEY%20BARATA%20DE%20AGUIAR.pdf>>. Acesso em: 16 de ago. 2020.

AGUIAR, Sidney de. **Blackout e a Luftwaffe nazista: Algumas notícias da II Grande Guerra na cidade de Manaus - AM**. Em Tempo de Histórias, v. 1, n. 33, p. 10-23, 17 mar. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/23543/21098>>. Acesso em: 08 de ago. 2020.

AGUIAR, Sidney de. **O Caso da Carne Verde: vivências populares na cidade de Manaus durante a II Guerra Mundial (1939-1945)**. Disponível em: <[https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548953096\\_d0f4dcacb4cb28411580464fe71de7a4.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548953096_d0f4dcacb4cb28411580464fe71de7a4.pdf)>. Acesso em: 04 de ago. 2020.

ASSIS, Júlio Cezar Pereira de. **A casa libanesa e o universo manauara: uma leitura topoanalítica da obra Dois irmãos, de Milton Hatoum**. 2010. 91 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/11832>>. Acesso em: 20 de set. 2020.

BARRETTO, Margarita. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. 20.Ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BARROS, Michele. **A Influência da Literatura nas Destinações Turísticas – Estudo de Caso Circuito Guimarães Rosa**. Disponível em: <<http://estudosth.blogspot.com.br/2009/03/influencia-da-literatura-nas.html>>. Acesso em: 12 de fev. 2020.

BATISTA, Maria; CARVALHO, Inês. **Perspectivas sobre o Turismo Literário em Portugal**. Disponível em: <[https://www.academia.edu/download/56801144/Carvalho\\_Perspetivas\\_Turismo\\_Lit.pdf](https://www.academia.edu/download/56801144/Carvalho_Perspetivas_Turismo_Lit.pdf)>. Acesso em: 08 de jul. 2020.

BETING, Graziella. Movido pelas letras. **Revista HOST**. São Paulo, 2005.

**Café A Brasileira: O Mais famoso de Lisboa**. Disponível: <<https://descubralisboa.com/cafe-a-brasileira-lisboa/>>. Acesso em: 08 de jul. 2020.

CARVALHO, Inês de. **Turismo Literário e Redes de Negócios: Passear em Sintra com os Maias**. 2009. 201 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Planejamento em Turismo) - Universidade de Aveiro, Portugal, 2009. Disponível em: <<https://ria.ua.pt/handle/10773/1691>>. Acesso em: 08 de jul. 2020.

CECCARELLO, Vera. **Aspectos da ditadura militar presentes nos romances dois irmãos e cinzas do norte de Milton Hatoum**. Disponível em: <[http://www.cev.ap.gov.br/artigo/RevLitAut\\_art08.pdf](http://www.cev.ap.gov.br/artigo/RevLitAut_art08.pdf)>. Acesso em: 08 de set. 2020.

CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

COUTINHO, F. N.; FARIA, D. M. C. P. & FARIA, S. D. **Turismo literário: uma análise sobre autenticidade, imagem e imaginário**. Disponível em: <<http://www.seer.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/2295>>. Acesso em: 13 de fev. 2020.

CUNHA, Patrícia da. **A relação turismo e literatura: um processo de construção dos espaços turísticos brasileiros**. Disponível em: <<http://portal.estacio.br/media/4381/1-a-relacao-turismo-literatura-processo-construcao-espacos-turisticos-brasileiros.pdf>>. Acesso em: 14 de fev. 2020.

CHAGAS, Mário. **Imagens de destinos turísticos: Uma discussão teórica da literatura especializada**. Disponível em: <<http://each.usp.br/turismo/publicacoesdeturismo/ref.php?id=29293>>. Acesso em: 03 de jul. 2020.

**Conheça a história da Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, em Manaus**. Disponível em: <<https://d.emtempo.com.br/amazonas/217881/conheca-a-historia-da-paroquia-nossa-senhora-dos-remedios-em-manaus>>. Acesso em: 14 de set. 2020.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

**Igreja dos Remédios**. Disponível em: <<http://manausontemhojesempre.blogspot.com/2014/04/igreja-dos-remedios.html>>. Acesso em: 14 de set. 2020.

**Início da organização do porto**. Disponível em: <<https://www.portodemanaus.com.br/?pagina=historia>>. Acesso em: 18 de set. 2020.

ISER, Wolfgang. **O Fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária**. Rio de Janeiro: EUERJ, 1996.

LEAL, Bruno. **Nas trilhas de Milton Hatoum: um breve estudo de uma trajetória intelectual**. 2010. 126 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal

do Amazonas, Manaus, 2010. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3387>>. Acesso em: 10 de set. 2020.

LEIPER, Neil, (1979) “**The Framework of Tourism: Towards a Definition of Tourism, Tourist and the Tourism Industry**”, **Annals of Tourism Research**, Vol. 6, Number 4.

MAIA, Ana Luiza Montalvão. **Um rio entre dois mundos: cidade, memória e narrador nas obras Relato de um certo Oriente e Dois Irmãos de Milton Hatoum**. 2011. 149 f. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/8734>>. Acesso em: 04 de ago. 2020.

**Manaus ganha nova Praça dos Remédios**. Disponível em: <<http://www.amazonas.am.gov.br/2014/10/manaus-ganha-nova-praca-dos-remedios-apos-obras-de-revitalizacao/>>. Acesso em: 10 de set. 2020.

MESQUITA, Otoni. **Manaus: História e Arquitetura (1852-1910)**. 3. Ed. Manaus: Valer, 2006.

**Manaus-Harbor-Wallpaper**. Disponível em: <<http://blogdomarcellmota.com/2017/08/31/manaus-e-cidade-mais-populosa-das-regioes-norte-e-sul-brasil/manaus-harbor-wallpaper/>>. Acesso em: 18 de set. 2020.

**Mercado Municipal (Manaus, AM)**. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema\\_consulta.asp?Linha=tc\\_hist.gif&Cod=1013](http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_hist.gif&Cod=1013)>. Acesso em: 20 de set. 2020.

**Mercado Municipal Adolpho Lisboa**. Disponível em: <[https://www.wikiwand.com/pt/Mercado\\_Municipal\\_Adolpho\\_Lisboa](https://www.wikiwand.com/pt/Mercado_Municipal_Adolpho_Lisboa)>. Acesso em: 20 de set. 2020.

**Na Ilhéus de Jorge Amado e Gabriela**. Disponível em: <<https://viagem.estadao.com.br/noticias/geral,na-ilheus-de-jorge-amado-e-gabriela,70001967189>>. Acesso em: 08 de jul. 2020.

OLIVEIRA, Maria. **Uma Análise do espaço romanesco em Dois Irmãos, de Milton Hatoum**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Fundação Universidade Federal de Rondônia- UNIR, 116 f. Porto Velho, 2013. Disponível em: <<http://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/2106>>. Acesso em: 8 de jul. 2020.

**Praça dos Remédios será restaurada**. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/manaus/news/praca-dos-remedios-sera-restaurada>>. Acesso em: 10 de set. 2020.

PELLEGRINI, Tânia. **Milton Hatoum e o regionalismo revisitado**. LusoBrazilian Review 41:1. University of Wisconsin, 2004, pp. 121-37. Disponível em: <<http://lbr.uwpress.org/content/41/1/121.full.pdf+html>>. Acesso em: 08 de jul. 2020.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus 1899-1925**. 2. ed. Manaus: EDUA, 2003.

POMPEU, Fernanda. **Semana Roseana 2019: Emoção dentro da gente**. Disponível em: <http://www.aceleratexto.com.br/semana-roseana-2019/>. Acesso em: 08 de jul. 2020.

**Porto de Manaus, AM: conjunto arquitetônico (Manaus, AM)**. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema\\_consulta.asp?Linha=tc\\_arque.gif&Cod=101](http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_arque.gif&Cod=101)> . Acesso em: 18 de set. 2020.

**Porto de Manaus**. Disponível em: <<https://guia.melhoresdestinos.com.br/porto-manaus-99-1758-l.html>>. Acesso em: 18 de set. 2020.

**Porto de Manaus**. Disponível em: <<http://web.antaq.gov.br/Portalv3/Anuarios/Portuario2001/Portos/Manaus.htm>>. Acesso em: 18 de set 2020.

QUINTEIRO, Sílvia; HENRIQUES, Cláudia. **O turismo literário. Olhão sob a perspectiva de João Lúcio**. Sapientia, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.1/1445>>. Acesso em: 13 de fev. 2020.

QUINTERO, S; BALEIRO, R. **Dos Algarves: uma personagem à procura da literatura: a ficção literária e a prática turística**. Disponível em: <[https://www.academia.edu/9507739/Uma\\_personagem\\_%C3%A0\\_procura\\_da\\_literatura\\_A\\_fic%C3%A7%C3%A3o\\_liter%C3%A1ria\\_e\\_a\\_pr%C3%A1tica\\_tur%C3%ADstica](https://www.academia.edu/9507739/Uma_personagem_%C3%A0_procura_da_literatura_A_fic%C3%A7%C3%A3o_liter%C3%A1ria_e_a_pr%C3%A1tica_tur%C3%ADstica)>. Acesso em: 20 de fev. 2020.

SANTOS, Katrym dos. **A Representação histórica Em Dois Irmãos, de Milton Hatoum**. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2393>>. Acesso em: 10 de set. 2020.

SARDO, Anabela. **Turismo Literário: Uma forma de valorização do patrimônio e da cultura local**. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10314/3416>>. Acesso em: 13 de fev. 2020.

SILVA, Gilvandro. **Patrimônios históricos na Amazônia: História, memória, turismo e preservação**. 2018. 110 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6568>>. Acesso em: 20 de set. 2020.

SILVA, R. Patrícia. **Histórias e Memórias: Usos dos espaços na cidade de Manaus.** Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/273899220\\_Historias\\_e\\_memorias\\_usos\\_dos\\_espacos\\_na\\_cidade\\_de\\_Manus](https://www.researchgate.net/publication/273899220_Historias_e_memorias_usos_dos_espacos_na_cidade_de_Manus)>. Acesso em: 16 de ago. 2020.

SILVA, Patrícia da. **Pelos (des)campos da cidade: Vivências e trabalho na cidade de Manaus.** Disponível em: <<https://www.revistalitteris.com.br/blank-4>>. Acesso em: 16 de ago. 2020.

SILVA, Naine, et al. **Adolpho Lisboa: história, cultura e encanto por um mercado centenário em Manaus.** Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/norte2016/expocom/EX49-0450-1.pdf>>. Acesso em: 18 de set. 2020.

SILVA, Ronaldo Tavares da. Mercado Adolpho Lisboa: cheiros, sons e imagens, uma abordagem simbólica. 2008. 106 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4277>>. Acesso em: 20 de set. 2020.

SIMÕES, Maria. **IDENTIDADE CULTURAL E TURISMO: A literatura como agenciadora de trânsitos e possível elemento de sustentabilidade.** Disponível em: <<http://www.uesc.br/icer/artigos/aidentidadecultural.pdf>>. Acesso em: 14 de fev. 2020.

SIMÕES, Maria. **Da Literatura ao Turismo – considerações no âmbito da América Latina.** Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotese/files/2011/05/12-Da-Literatura-ao-Turismo-%E2%80%93-considera%C3%A7%C3%B5es-no-%C3%A2mbito-da.pdf>>. Acesso em: 13 de fev. 2020.

SOUZA, Leno. **“Cidade Flutuante”: Uma Manaus sobre as águas (1920-1967).** 2010. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13222>>. Acesso em: 08 de ago. 2020.

SOUZA, Leno. **Cidade flutuante: uma Manaus sobre as águas floating city: a Manaus on the Waters.** Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13222>>. Acesso em: 08 de ago. 2020.

TOPLER, Jasna. **LITERARY TOURISM IN SLOVENIA: THE CASE OF THE PREŽIHOV VORANC COTTAGE.** Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/316679163\\_Literary\\_tourism\\_in\\_Slovenia\\_The\\_case\\_of\\_the\\_Prezihov\\_Voranc\\_cottage](https://www.researchgate.net/publication/316679163_Literary_tourism_in_Slovenia_The_case_of_the_Prezihov_Voranc_cottage)>. Acesso em: 20 de fev. 2020.

XICATTO, Camilla. **O Turismo Literário na REVISTA CULT: Uma Análise Semiótica.** ROSANA – SP, (ON Line), (2008) Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) – Unesp – Campus de Rosana, 2008. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/17382220-Camilla-evangelista-xicatto.html>>. Acesso em: 03 de jul. 2020.